O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 14 DE NOVEMBRO DE 1909 | Nº 1:334

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos e Criticas

Partiu D. Manuel a visitar a corte de Madrid e o rei de Inglaterra. Leva a secreta intenção de procurar noiva? Pouco interessa isso ao paiz. Mas leve ou não leve, mas arranje noiva ou não arranje, d'essas visitas resultam sempre estreitamentos de relações e Portugal precisa de estar de bem com todo o mundo em geral, e com a Inglaterra e a Hespanha em especial.

N'esse ponto a politica de D. Carlos foi muito habil. Dissémo-lo algumas vezes em vida d'elle, dissemo-lo na morte d'elle e repetimo-lo depois.

D. Carlos tinha defeitos. Tinha-os como homem e tinha-os como rei. Não ha ninguem, é da velha sabedoria das nações, que os não tenha. Elle proprio os reconhecia e confessava, segundo escreveu Ramalho Ortigão. Mas tinha qualidades pessoaes apreciaveis e na politica internacional prestou serviços ao paiz. Sem preoccupações d'escolas, sem fanatismo politico. Procurava naturalmente servir os interesses da monarchia. Mas sem *carolice* realista. Isso é que elle não tinha. Prestava-se a ir ao Brazil, sem se prender com o facto da republica ter expulsado um Bragança do throno brazileiro, e não hesitou em se sujeitar a manifestações republicanas convidando a vir a Lisboa o presidente da republica franceza.

Assim conseguiu dar a Portugal uma certa importancia na politica mundial.

Ora é indispensavel manter essa politica. Fomos o primeiro que no jornalismo republicano, como já dissémos no ultimo domingo, defendemos abertamente e calorosamente a alliança ingleza. Tambem ahi tinhamos sido *jacobino*. Tinhamos clamado contra a alliança ingleza como todo o jacobinismo do paiz. Mas se a experiencia não serve de nada, se os annos não ensinam á gente coisa nenhuma, então melhor seria conservar-se um homem toda a vida menino. Ser menino no cerebro e não o ser no corpo e nos annos seria um attentado da natureza e a natureza não commette attentados de tal ordem. Isto é, commette. Isso commette. Haja vista o partido republicano em Portugal. Mas isso são abortos. Chamam-se abortos. E' uma excepção. São excepções. E nunca serviu de regra a excepção.

O partido republicano é um aborto. N'elle se juntaram, attrahindo-se mutuamente, a idiotia e o crime. Mas o partido republicano portuguez ainda é uma coisa muito pequena em relação a Portugal.

A alliança ingleza é a que nos convem. Nenhuma outra nos convem, nos pode convir tanto como ella. Por motivos que toda a gente de juizo percebe facilmente e que muitas vezes, em annos seguidos, expozemos n'este periodico

Convem-nos, egualmente, um bom entendimento com a Hespanha. Estar de bem com as outras nações é necessario. Mas estar de bem com a Hespanha *é indispensavel*. Em Portugal tem-se feito e está-se fazendo muita tolice. Uma d'ellas foi e é a preoccupação franceza a par do desprezo hespanhol. Portugal tem vivido uma vida abjecta d'imitação franceza. Demais a mais uma imitação mal feita. Todas as imitações são mediocres. Mas sendo mal feitas são prejudiciaes e ridiculas. Ora nós não temos temperamento nem civilisação para ser a França. Logo, haviamos de ser fatalmente ridiculos e fatalmente nos haviamos de *deformar* a imitar a França cegamente.

Um homem, como um povo de juizo, procura simplesmente tirar o melhor proveito, o maximo resultado das suas qualidades naturaes. Ahi é que está o juizo e ahi é que está a arte. Uma terra que não dá vinha pode muito bem servir para dar trigo, ou vice-versa. Cultivar trigo na terra propria para dar vinha, ou vice-versa, é asneira. Mas desenvolver, melhorar as qualidades da terra propria para dar trigo ou para dar vinha a fim de que ella dê melhor trigo ou melhor vinha é obra d'arte, de sciencia e de tino.

A raça portugueza tem grandes qualidades. Ora em logar de lh'as educarem, de lh'as cultivarem, de lh'as aperfeiçoarem, deformaram-lh'as n'uma imitação pelintra *pelo francez*. Tudo isto quiz ser a França. E á força de querer ser a França ficou a Patagonia. Nem mais!

Ao mesmo tempo que se rastejava n'uma idolatria abjecta deante da França lançou-se ao mais absoluto desprezo a Hespanha. Não deviamos irritar a França nem a Hespanha. Não deviamos, porque mesmo seria impossivel, querer ser hespanhoes ou francezes. Eramos portuguezes. Portuguezes cultos e perfeitos deviamos querer ser exclusivamente. Isso, porem, não impedia, antes faze-lo era obra de boa educação e de bom senso, que se estudasse bem a Hespanha e a França. Mas a Hespanha e a França. Estudar a França, a Italia, a Inglaterra, a Allemanha, e mantermos uma absoluta ignorancia sobre a Hespanha, approximarmo-nos da França e afastarmo-nos systematicamente da Hespanha, era rematada tolice. Portugal commetteu essa tolice. Tem feito peor: não se limitou a viver isolado, inteiramente isolado da Hespanha, no fundo hostilisou sempre a Hespanha. Ainda agora vimos isso a proposito da questão Férrer. A Hespanha foi insultada. Mostrou-se contra a Hespanha um entranhado rancor. E quem o fez? E quem mostrou esse rancor? Precisamente aquelles que andam sempre a dizer que foram os interesses dynasticos, que são os interesses dynasticos que nos separam da Hespanha: os republicanos.

Portanto, é de boa politica nacional fazer tudo quanto decorosamente se possa fazer no sentido d'estreitar relações entre Portugal e a Hespanha.

Foi o rei e ficaram as tropas reforçadas nos quarteis de Lisboa. Segundo os republicanos e os dissidentes é excesso de precaução. Se se tivesse feito o mesmo nas vesperas do 31 de janeiro no Porto, os republicanos teriam dicto o que estão dizendo n'este instante. Egual affirmação seria feita em 1 de fevereiro de 1908 se o rei D. Carlos tem desembarcado entre tropas e entre tropas se tem dirigido a palacio. Mas elle estaria vivo e a revolução do Porto não teria rebentado!

O governo fez bem. Em primeiro logar, porque ainda não ha receituario como o da sabedoria das nações. Isso é que não ha. E a sabedoria das nações lá diz: *o seguro morreu de velho; mais vale prevenir que remediar*. Em segundo logar, porque é certo que os republicanos projectaram um movimento para esta occasião. Tinham posto de parte a idéa? E' provavel, á falta de elementos. Mas a verdade é que o projecto existiu.

Que, por outro lado, as medidas do governo, mesmo que estivesse de pé, ainda o projecto revolucionario para esta occasião, teriam como consequencia fatal o adia-lo. E isso é mau. Não ha meio de restabelecer a ordem sem um conflicto sangrento. Suppomos que já não ha ninguem tão ingenuo n'este paiz que espere ainda o contrario. Isto não vae senão a mal. Isto não vae senão a ferro e fogo. Cada vez é mais indispensavel e mais urgente uma tremendissima licção. Sem paz, sem ordem, não ha trabalho, não ha progresso, não ha vida possivel n'uma nação. Ora o elemento perturbador, o grande elemento perturbador é o elemento republicano, com o seu velho dilemma de: ou revolução ou nada. E o elemento republicano não desarma sem receber uma trepa monumental. De forma que os governos devem preparar-se mas sem espalhafato. Com espalhafato, com alarme, os republicanos não sahem para a rua. E vae-se adiando a solução do conflicto. E com esse adiamento vão-se exgotando as forças da nação.

Isto não pode, de modo algum continuar. E' indispensavel que os republicanos façam o seu tão projectado e tão apregoado movimento revolucionario. Triumpham? Acabou-se. E' uma solução. Não triumpham? Esmagam-se, arrasam-se, e é outra solução.

Já os jornaes extrangeiros dizem que o rei não casa, não casará, emquanto durar esta situação. Imaginem! Casar o rei ou não casar, é o menos. Mas o peor é elle não casar pelo motivo indicado! Ter tão pouca confiança nas instituições pelas quaes se rege um povo, ou na ordem publica, que nem se quer dar noiva ao chefe do estado, é não ter confiança *em coisa nenhuma*. Isto não pode ser. Se se nega a noiva ao rei nega-se tudo aquillo que reclama alguma confiança ou que torne indispensavel alguma estabilidade. Nega-se ao commercio, nega-se á industria, nega-se a todos os negocios, e em tudo e por tudo, a confiança que se nega ao rei. Se o rei não inspira confiança não a inspira o paiz. Se não se quer fechar com o rei um contracto de casamento porque pode rebentar no dia seguinte uma revolução que deixe a noiva lograda, não se fecha contracto serio com ninguem d'este paiz quando elle exija, como quasi todos os contractos da vida publica, paz, segurança, ordem, estabilidade.

Acreditamos que a respeito do casamento do rei não seja tanto como se diz. Mas já dizer-se o que se diz, e dizerem-no grandes jornaes extrangeiros, de grande influencia e grande circulação, é muito grave e muito significativo.

Isto não pode continuar assim. Diga-se bem alto, repita-se muitas vezes. E' necessario que os republicanos triumphem ou que os republicanos sejam anniquilados. Importa que se dê quanto antes uma das soluções. O paiz está disposto a deixar triumphar os republicanos? Então, no seu proprio interesse, acabe, desde já, com toda a resistencia. Mas não está disposto a deixa-los triumphar? Então esmague-os, immediatamente.

Ha duas maneiras d'esmagar os republicanos. Ou pela acção da força armada ou pela acção da força da opinião publica. Pela acção da força armada é mais rapido e mais efficaz na occasião. Mas é mais difficil. Se elles estiverem sempre a fazer promessas de vir para a rua, como até agora, mas se nunca vierem, como, da mesma forma teem feito até agora, como esmaga-los a ferro e fogo? Pela acção da opinião publica é mais lento; em comparação, é mais estavel e mais seguro. Mas para isto requer-se tenacidade e energia.

Vamos, que o paiz se imponha, que o paiz se manifeste! Já se vem impondo, já se vem manifestando. Mas é pouco. Mais, muito mais! E' necessario que cada um dos que reconhecem que o paiz se afunda se isto não muda quanto antes, que cada um dos que se convencem que a quadrilha republicana é um perigo, um enorme perigo nacional, uma ignominia, uma verdadeira ignominia, se converta n'um combatente audaz e energico. E não se combate só pela penna, pela palavra e pelo cacete. Combate-se por todas as formas. Que haja harmonia, coherencia, correlação n'esse combate! Expulsa-se o jornal adverso da nossa casa, da casa do nosso amigo, da casa do nosso protegido. Não se compra assucar, nem linhaça, nem manteiga, nem pão, no estabelecimento da quadrilha que alimenta o veneno, ou que é o proprio veneno que mata esta patria. Faz-se a *bocoittage* que o revolucionario, por seu lado, por toda a parte proclama e põe em execução. Elle é que é babil! Elle é que sabe! Pois siga-se-lhe o exemplo. Elle deu o exemplo? Não tem de que se queixar. Guerra por todas as formas! Guerra implacavel! Guerra sem treguas! Guerra sem quartel!

Proteja-se, auxilie-se, com o mesmo denodo, com a mesma energia, com o mesmo *entrain* o defensor da mesma causa.

Guerra implacavel ao inimigo. Protecção decidida ao amigo.

Não os deixem pôr pé em ramo verde. Contestem-nos nos comicios, nas reuniões publicas, nos cafés, nos theatros, nos centros de cavaco. Desmanchem-lhes os comicios, as reuniões publicas, sempre que poderem. Não succumbam. Não enfraqueçam. Não afrouxem. E constituirão o mais terrivel dos exercitos. E terão dado força e animo aos governos que estão a tremelicar de uma maneira vergonhosa. E terão vencido.

Vamos! E terão vencido.

Saude publica

A mudança brusca da temperatura alterou consideravelmente o estado normal da saude publica, fazendo desenvolver a *grippe*, a *infiuenza*, ou como lhe queiram chamar.

O que é certo é que grande parte da população da cidade está attacada da impertinente doença, que tem obrigado muitas pessoas a recolher ao leito.

GRANDES CANALHAS!

Escrevem-nos a dizer-nos que o miseravel que se arvorou em Aveiro instrumento da *chantage* republicana é tão vil, tão pulha, tão ordinario, que começou a sua vida de *honesto cidadão* por diffamar a propria mulher com quem casou, a propria madrasta e o proprio pae. Que namorou em Coimbra uma rapariguita. Que sobrevindo um arrufo de namorados disse d'ella todas as infamias de que é capaz um canalha como elle. E que depois casou com ella! Que tendo a madrasta detestado sempre o seu caracter reles, elle se desforçava a assacar-lhe as ultimas torpezas, accusando-a de actos indecorosos antes do casamento e de verdadeiras vilezas depois do casamento. Que a madrasta, indignada, embora não soubesse a decima parte do que elle dizia d'ella, impoz ao marido a necessidade de o expulsar de casa e á mulher. Que o marido não chegou a tanto, fazendo, comtudo, sahir a nora, que voltou para Coimbra. Que o seu procedimento com a mãe foi sempre o do miseravel que elle é. Que nos devemos lembrar de que é o garoto que papou de graça o almoço aos franquistas, quando João Franco veio a Aveiro em missão de propaganda, desatando logo, sem transição, a apedreja-los. Que é o repugnantissimo tratante que foi pedir aos de Coimbra que recebessem mal os socios do *Recreio Artistico*, quando alli foram em excursão, dizendo que a gente d'Aveiro era uma corja. Que este facto está registado na imprensa local onde nós encontraremos, querendo, os artigos interessantes publicados pela occasião a tal respeito. Que tudo isto, junto ao caso, já por nós referido, do birbante se ter retratado da maneira ignobil que se sabe deante do sr. Correia, quando o sr. Correia se preparava para o chamar aos tribunaes, prova eloquentemente que o canalha é da massa authentica, da casta legitima do Trinta, do Margarido, do Jeronymo Rato, do Espanta Mortos, do Sebastião Mesquita, do Palma da Electrica, do Bento Frade, do Oliveira da Tentadora, *o lindesinhas*, do Pedro-larica, do Padua Correia, do Arthur Leitão, do Ribas d'Avellar, do Unha e Gosta, do ladrão da herança Esteves Ribeiro, emfim, de toda a cambada, de toda a sucia, de toda a corja republiqueira em Portugal.

Isso é!

Mas, para demonstrar mais uma vez a infamia da quadrilha, não é preciso discutir o pulha. Basta discutir os factos. O pulha não se discute, já dissemos. O pulha está fóra de todas as leis da razão e de todas as leis da moral. O pulha pertence á grande familia dos que não teem senso moral. Quem discute a prostituta? Quem discute o assassino? Quem discute o ladrão? A discussão tem por base essencial a intelligencia e a consciencia. O doido é indiscutivel. Está fóra das leis da razão. O canalha, o pulha é um louco moral. Está fóra das leis da consciencia. O doido mette-se n'um hospital. O que soffre de loucura moral mette-se na cadeia, põe-se-lhe ao pé uma grilheta, se é perigoso, ou enforca-se. Não sendo perigoso, despreza-se. Não ha outro processo, nem outro caminho.

A's vezes suja, fede, e a gente foge d'elle como foge d'um rato morto a desfazer-se. Esse bilontra d'Aveiro é do genero. Aveiro tem d'isto, ou produz bellos fructos.

O Maduro foi sempre, desde creancita, um objecto d'irrisão e de troça n'esta terra. Os rapazes na escola amachucaram-lhe o chapéo, pintaram-lhe a cara d'alvaiade, calçaram-lhe umas botas velhas que encontraram n'um monturo, deitaram-lhe a fralda para fóra das calças, e escreveram-lhe nas costas — **O Maduro**. Era o symbolo do pulha. Depois percorreram com elle as ruas da cidade, tocando-lhe latas atraz e busios. Toda a gente do povo veio ás portas. Toda a gente de sociedade veio ás janellas. E pelo typo physico acharam que o typo moral estava admiravelmente definido.

O baptismo dos rapazes recebeu a consagração publica. O bobo da escola, o histrião, passava a ser o bobo das ruas. E ninguem mais o conheceu nem o tratou senão... pelo *Maduro*.

Era uma definição, mas era um estigma. O miseravel via que em toda a parte onde entrava se enrugavam as boccas n'um riso ironico e murmurava o pensamento: um idiota, um pedaço d'asno, *o Maduro*. Se alguem, attentando n'aquella figura de esgrouviado antipathico, perguntava, n'uma curiosidade d'embirra: *Quem é isto?* elle ouvia responder, n'uma voz turvada por riso escarninho: *E' o Maduro*. E assim, azedado por essa atmosphera de troça, por essa reserva de escarneo com que em toda a parte se via recebido, ao mesmo tempo dominado pela mania doentia da celebridade em geral, e da celebridade como jornalista em especial, como unica maneira de se celebrisar, a dar traques na imprensa, sob os applausos calorosos do Termónocú que veio constituir com elle o *duo* da republica em Aveiro, e a chamar p. ás mulheres e cornos e cabrões aos homens em evidencia, como na convivencia do soalheiro e dos antros da malandragem indigena já tinha chamado corno ao proprio pae, p. á propria madrasta, á propria mulher e á propria mãe.

Ah, que a esta degenerescencia é que nunca Eça de Queiroz esperou que chegasse o Palma Cavallão!

Peor que o Pedro Larica, e Espanta Mortos e o Trinta, este bandido. Aveiro leva a palma a Braga, a Lagos, e a Abrantes. Tem em seu seio o pulha primaz da peninsula. Em genero burro, é de vêr.

E' verdade que o Trinta já attentou contra o pudor da propria mãe. E este, em factos, não sabemos.

Mas, como iamos dizendo, para demonstrar mais uma vez a infamia da quadrilha não é preciso discutir o pulha. Basta discutir os factos.

Mas, como iamos dizendo, para demonstrar mais uma vez a infamia da quadrilha não é preciso discutir o pulha. Basta discutir os factos. Ora, n'este caso, o que dizem os factos? Dizem, repetem, pela milesima vez, que no partido republicano reina sempre, e cada vez mais soberana, a doutrina da immoralidade, da orgia, da devassidão; que o partido republicano é sempre o mesmo bando de rufiões, de prostitutos e prostitutas, de pulhas da peor cathegoria.

Não estamos ainda de mãos livres para escrever tudo quanto podemos escrever e quanto *queremos escrever*. Ha coisas que se não dizem senão *em certas circumstancias*. Que estamos em face d'uma *chantage*, da mais uma ignobil e infamissima *chantage* é evidente. Não a tinhamos nós já annunciado? Já sabiamos que se preparava. Mas quem são os socios da *chantage?* Por ora vemos os do *Mundo* e o seu pau mandado, o *Maduro*. Quem mais? Elles hão de definir-se. E oxalá que se definam de forma a deixar-nos liberto de *todos os escrupulos*. Que então atiramos-lhes com a torre de Babel para cima da cabeça. Possâmos nós fazer a historia toda do assumpto! Basculhar os esconsos, remontar ás origens! Atiramos-lhes com a torre de Babel para cima da cabeça. Esmagamo-los. Pela certa. Como sempre. Mais uma vez, julgando que vão tosquiar ficarão tosquiados.

Mas, por ora, estamos n'isto: houve uma separação de conjuges. A mulher não reclamou *filho nenhum*. O tribunal não lh'os dava, desde que lhe provou *adulterios*, no plural, e em circumstancias de fazer arripiar os cabellos. Mas ella tambem não os pediu. Foi passear, correr cafés, correr theatros, vida d'orgia e de vicio. Quem ficou a servir de mãe? O pae, pois podéra! A servir de pae e a servir de mãe. O pae havia de os tratar quando estivessem doentes. O pae havia d'olhar pelas suas licções. O pae havia de attender aos seus brinquedos. O pae havia de destinar o jantar. O pae havia de ver se as creadas cumpriam o seu dever. E o pae havia de trabalhar como um burro para todos comerem.

Mas ao menos o pae tinha algum direito a que a justiça social pesasse um pouco a seu favor? Não, nenhum!

Tinha tido, mera hypothese, uma amante? A mulher que tivesse um cento! Tinha sido brutal ou aspero com a mulher? A mulher que abandonasse os filhos, que abandonasse o lar, que trocasse o lar pelo prostibulo.

Não, nenhum! O pae não tinha direito nenhum a que a justiça social pesasse a seu favor. O benemerito, o justo não era elle, era a mulher. Elle era um malan-

dro! Elle era um pulha! A mulher, sim, que folgava e ria! Que arrastava vida alegre e ociosa! Que andava ostentando impudor e vicio pelos theatros e cafés!

Esta é a doutrina republicana n'esta terra! Esta é a doutrina da *emancipação*! Esta é a doutrina da *liberdade!*

Esta é a doutrina da *Liga das Mulheres Republicanas em Portugal!*

Esta é a doutrina do Becco do Monete, da Rua Suja, da Madragôa!

Arre, corja, que se ha de ouvir bem alto a verdade n'este paiz!

Esta é a doutrina dos defensores do Leandro! Esta é a doutrina dos Buiças! Esta é a doutrina dos assassinos do Nunes Pedro em Cascaes!

E como havia de ser outra, para Cunha e Costa ser mantido no seu pedestal de tribuno do povo, de redemptor da patria, de jornalista da *democracia?*

Abandonou á miseria, á mais absoluta miseria, lançou ao desprezo, ao mais absoluto desprezo, a sua mulher e os seus filhos? Salvè, glorioso tribuno do povo!

A sua mulher era uma mulher honesta e por isso elle metteu entre os dois o oceano de permeio? E quem a mandou a ella ser uma mulher honesta? Fosse fazer discursos para a *Liga das Mulheres Republicanas* ou andar de braço dado com *souteneurs* pelas ruas de Lisboa. E então, sim, seria uma victima! E, então, sim, o marido em casa, a tratar dos filhos, e ganhar pão para comerem, seria um biltre.

Nem com toda essa miseria, nem com toda essa infame ingratidão, nem com todo esse abandono cruel, nem com a *perpetua* ausencia d'um homem essa mulher se tornou uma prostituta? Ninguem vê a tua virtude, desgraçada! Para ti... nem uma palavra! Para elle... salvè grande jornalista da democracia! Oh torre de marfim, oh urna de David, oh redemptor da patria infeliz!

Oh santo Unha e Gosta!

Miseraveis! Miseraveis!

Ladrões, hypocritas, *sepulchros embranquecidos por fóra mas cheios d'immundicie por dentro, raça de viboras!*

E hei de eu morrer sem vos ver ser fuzilados contra um muro!

E ha idiotas a matar moscas, pulgas e persevejos e a berrar contra a pena de morte em nome do respeito devido... á existencia humana!

Expediente

Tendo sido hoje transferida para Aveiro, da Torre de S. Julião da Barra, onde esteve trinta dias, a redacção do **POVO DE AVEIRO**, ficam os leitores avisados de que toda a correspondencia, de hoje em deante, tanto a relativa á redacção como a relativa á administração, deve ser dirigida ao proprietario e director d'este semanario.

O sr. Arthur Paes, que só provisoriamente occupava esse logar, deixa de ser gerente d'este jornal.

Rectificação

Phantasticos! Verdadeiramente phantasticos!

Falamos do nosso revisor e dos nossos typographos, já toda a gente percebeu.

Agora até cortam artigos á faca para completar paginas e columnas! Faltam tantas linhas? Vão adeante, cortam, e zaz... tantas linhas d'ahi para aqui.

Foi o que fizeram no domingo na primeira pagina. E hoje hão de fazer peor, se Deus quizer! Ao que se vê, faltavam onze linhas para darem certa a primeira pagina. Elles foram ao artigo: *O França... nas horas vagas*, cortaram onze linhas e não estiveram com mais aquellas: onze linhas logo mudadas para a 1.ª pagina.

São de primeirissima ordem! Deve-se-lhe esta homenagem.

Ora o peor é que a Emilia não gostou. E escreveu-nos *escamada*. E tem razão. Muita razão. Aquelle boccadinho, como ella diz, era, realmente, dos mais typicos. Por tudo. E um dos motivos porque provava que o França não é... anti-clerical.

A Emilia, como já dissémos, é devota. Não gosta que o França seja anti-clerical. Ora sentindo o França um especial deleite em ter o retrato entre a Senhora da Conceição e a Senhora da Nazareth, não é... tão anti-clerical como parece. Pelo menos, é logico!

Outro motivo que tornava typico o boccadinho, tão asnaticamente deslocado na 1.ª pagina, era a prova *incontestada* de que conheciamos o *interior*. Isso fez com que o França désse uma sorte diabolica. Não havia duvida! Pegado ao quarto de cama é o quarto de toilette! E em frente do toucador estão, na verdade, as duas estampas, e, ao centro, o seu retrato!

O França deu uma sorte diabolica. E dizia ao *irmão d'armas*, o Derouet: *Está-me em casa, o mariola* [sic] *está-me em casa!*

Lá isso está! E nem você calcula até que ponto. O que nós conhecemos do interior da Emilia, e do seu, nem que você esteja tres dias a puxar pelas barbas é capaz d'imaginar.

Mas você o saberá. Como você é um patife muito grande, que nada respeita—e foi você que abriu o exemplo—você o saberá. E o pagará! Olé, e o pagará!

E por hoje mais nada. Não vale a pena estar a rectificar gralhas ha oito dias passadas.

Elle é cada um...

Alli o collegasinho do *Correio do Vouga* chora lagrimas de crocodilo sobre a degenerescencia da raça portugueza, porque o jornaleca do Maduro se vende a chamar-nos nomes, e porque o *Povo de Aveiro* se vende a chamar nomes aos republicanos. Aqui é que lhe doe...

Que já teve por nós admiração, mas que a perdeu desde que viu o Maduro agarrado á gaita—costume que lhe ficou desde pequeno—a berrar que estamos a descompor os mesmos que já elogiámos.

Ainda que assim fosse—mas não é— pergunta-se: se o collegasinho tem o direito de gostar e deixar de gostar, como ousa censurar-nos outros o mesmo direito?

Elle é cada parvo!

E cada mariola!

Então admirou-nos, deixou de nos admirar, exaltava-nos, naturalmente, quando nos admirava, censura-nos agora, que não nos admira, mas nós *revoltamo-lo*, se fazemos o mesmo!

Sim, nós não podemos, que elle não dá licença! Nós, louvar um homem, e censura-lo depois de o ter louvado? Isso é para o papa-roscas do Maduro, para o austero Termónocú, e para o intelligente... collegasinho do *Correio do Vouga*. Todos tres... nós ex-admiradores!

E' para elles! Para nós... não senhores. Que elles não dão licença!

E nós a aturarmos estes idiotas, hein?

Que, para complemento de desgraça, já foram nossos admiradores!

Ora bem. Mas isso era se fosse verdade. Mas não é. Deixe lá o Maduro a cavallo na gaita a cantar o seu triumpho. Não lhe queira seguir o exemplo. O senhor é tolo. Mas é decente. Fazemos-lhe essa justiça.

Então, queira reconhecer que o *Povo de Aveiro* nunca elogiou ninguem incondicionalmente. Nunca! Que o *Povo de Aveiro* **censurou** todos esses que elogiou e que os censurou ao mesmo tempo que os elogiou. Percebe? Elogiava-os, mas censurava-os. E censurava-os ao mesmo tempo que os elogiava. Isso a todos. Não ha excepção para nenhum. Já aqui se tem dicto e já aqui se tem demonstrado. E o collegasinha bem o sabe! Ora não queira perder esse verniz de decencia pacovia, que lhe resta.

Em Aveiro ha uma escola de gaita e canudo. E' mestre o Francisco Antonio de Moura, alli o da botica. E n'ella se teem formado quasi todos os patriotas e moralistas da republica. Não sabemos se o Antoninho do Arnelho, que Deus haja, era democrata, como o Maduro. Devia ser. O Doce Maria era. Esse andou sempre de bandeira erguida. Não julgue agora o senhor que foi o Maduro quem veio erguer o estandarte e soprar no apito. Não senhor. Teve como antecessor o Doce Maria, discipulo de Francisco Antonio de Moura. O Doce Maria passou a vida de bandeira erguida e a tocar buzio. Era um grande democrata. E, rehabilite-se a sua memoria, um grande homem de bem ao pé do Maduro.

Tinha vergonha. Córava. Esta é que é a verdade. O Doce Maria córava. O Doce Maria tinha vergonha. Rehabilite-se a memoria do infeliz.

E o Maduro, que só surgiu para vingar o Doce Maria, não tem vergonha nenhuma. Mas é essa, n'esta terra, a escola da republica. Os primeiros discipulos foram melhores que os ultimos, o que, de resto, é sempre assim. Mas é essa, n'esta terra, a escola da republica.

Ora sabe o collegasinho do *Correio de Vouga?* Essa escola sempre nos detestou. A começar no seu mestre. O Francisco Antonio de Moura teve sempre por nós formal antipathia. Sempre! E nós sempre detestámos... *essa republica.*

Temos essa honra e essa virtude. Fomos sempre, e somos, detestado por... prostitutos e prostitutas. Temos essa honra... e essa virtude!

Dirá o senhor, que é tolo, e, comsigo, o Maduro: « Mas você já elogiou esses prostitutos e essas prostitutas. » E' possivel! E' que o senhor não percebe mas eu explico: todas as prostitutas e todos os prostitutos foram virgens antes de serem prostitutas... e prostitutos. Excepto o Maduro! Esse, não sei porque designios de Deus, nasceu já prostituido. Não que eu tivesse commercio com elle. Nem fui o primeiro nem o ultimo. Nunca tive commercios taes nem com tal gente. Mas contou-o a alguem o Francisco Antonio de Moura, o venerando patriarcha da republica. E esse é mestre!

Ora ahi tem, collegasinho, o que é *esta republica* e a moralidade d'esta republica. E' peor que as outras. Ainda peor do que as outras. Tem ladrões, como as outras. E que ladrões! Tem caçadores de herangas. Tem falsarios. E tem... um rio Jordão de prostitutos. Alli se baptisou o Doce Maria e alli se tem baptisado... quasi tudo.

Isto é um facto! Como é um facto publico e notorio e definitivo e assente nós termos sempre tido a formal antipathia d'esta sucia. Sempre assim, em toda a nossa vida! Fomos sempre, repetimos, detestado por prostitutas e prostitutos. Temos, repetimos, essa honra... e essa virtude.

Que *ainda* temos talento, diz o collegasinho. Parece que sim. Olhe que nos parece que sim. E sabe o que nos faz desconfiar d'isso? Não é o senhor dize-lo, que isso levar-nos-hia a suppor o contrario, precisamente. E' a enorme perturbação e a extraordinaria agitação da grande quadrilha. E' esse esforço titanico, espantoso, que ella faz para nos anniquilar, para nos destruir. E' o seu recurso a tudo, a tudo! para nos derribar, para nos estender, qual roble gigante, no chão, ao comprido. Qual roble gigante! Nós nunca suppozemos que tinhamos esta estatura. Francamente! Nunca suppozemos que tinhamos esta estatura. Mas temos. Mas não pudemos deixar de a ter. Não ha cilada, não ha traição, não ha calumnia que se não tenha jogado contra nós. Não ha pedras, não ha lama, não ha lodo que não se nos atire. Enraivecem-se viboras, de proposito, para nos morderem. Açulam-se cães para nos dilacerarem. Avançam, de rojo, contra nós, legiões de lagartos e serpentes. Coaxam rans, em redor, para nos atordoarem. Apparecem sapos, osgas, salamandras, dos cantos, aos cardumes, para nos vencerem pelo nojo, para ao menos, de nojo, nos fazerem fugir. Ah, que roble gigante que nós devemos ser! Erguido, impavido, sem tremer! Treme tudo, desde o rei até ao ultimo politico. Tudo tem medo dos assassinos e da canalha. Tudo se cerca de policia e de mil precauções contra os assassinos e a canalha. Hesitam, acuam os partidos, que são phalanges. E nós sósinho, sósinho! paiz alem, sem tremer! Sempre só! Eternamente só! E sem hesitar, nem vergar, nem tremer! Que roble gigante que nós devemos ser!

O collegasinho mal pode encobrir a sua alegria por ver, em nossa frente, a cavallo na gaita, o Maduro... celebrisado! Sentimos muito dizer-lhe que é ephemera essa alegria. Sabe o que foi? Foi um falso alarme. Foi a anciedade louca de ver o roble cahido. *Desqualificaram-nos* e, apesar d'isso, continuámos, ao que se vê, ao que se tem visto, a ser gigante e a ser pavor. Sempre gigante! Sempre pavor! Comprehende a loucura, a obsessão que isto produz na quadrilha. Sente-se um estoiro e tudo volta a tromba, como o cão na vinha dos cachos verdes, a ver... se é, emfim, o *desqualificado* que está agarrado, que está manietado, que está vencido. Veio o Baracho, que era terrivel. E com o Baracho, em *truc* meditado como o do Affonso Costa, procurou-se algemar-nos, trez annos, n'uma enxovia. Era o que já se apregoava! Era o que já se dizia! A quadrilha, exultando, propalava que iamos tres annos para o presidio! E Baracho impune, é de vêr! Mas em vez de tres annos para o presidio, fomos um mez para S. Julião da Barra, respirar a brisa maritima! Mas em vez da impunidade que se esperava, quanto a Baracho, Baracho perdeu o seu logar no Supremo Conselho de Justiça Militar, onde manobrava a favor da republica sempre que era preciso, e no conselho de promoções, onde servia maravilhosamente a quadrilha! O *truc* preparado com o Baracho, em vez de nos ferir a nós, feriu-o a elle e a elles! Então, cegos, pozeram nas mãos do Maduro, já costumado a esse manejo, um tubo d'immundicies. Prenhe d'immundicies. Maduro esguichou, ejaculou. E elles, na louca miragem do seu odio, e anciosos de morte para nós, tomaram o esguicho por uma tormenta, capaz d'abalar, emfim, o que, á força da propria incapacidade, e não pelo grande valor que nós tivessemos, tornaram o seu formidavel, o seu gigantesco adversario. Que, quasi rindo, os subjuga e os esmaga.

Não, não, collegasinho! Conhecido o falso alarme, desfeita a miragem, e inabalavel, como até ahi, o adversario, o Maduro, de quem o proprio Margarido, como já vimos, se envergonha *ás claras*, fica no officio abjecto e desprezado, o unico que se tem apprendido na escola republicana de que o Francisco Antonio de Moura cá na terra tem sido mestre e patriarcha: a dar á bomba, e nada mais.

E' claro que nós haviamos d'estar sujeito a isto ao não seriamos quem somos. Então o senhor queria que defrontassemos a canalha sem correr o risco de ser enxovalhado pela canalha? Ou que fugissemos de *vergonha* e de *pudor* logo que a canalha nos arremessasse os seus epithetos e as suas vaias? Isso é para os homensinhos, não é para nós. Evidente, ou uma mulher honesta ha de consentir que um bando de collarejas dê a seus olhos espectaculo de torpezas, ou ha de se sujeitar a todos os seus improperios e calumnias a quere-las increpar e correr a chicote. E quando foi mais honesta, quando se calou e consentiu, ou quando se indignou e chicoteou?

Qual é o homem mais serio e mais prestante cidadão, o que atravez de todos os perigos affirma a verdade contra o immundo e ganancioso vendilhão do templo, ou o que ouve e vê tudo de braços cruzados pelo repugnante egoismo pessoal de não se incommodar?

Para o senhor é este, bem sei. Mas, por isso mesmo, eu não discuto com o senhor. Eu discuto com o publico... a pretexto do senhor.

O *Povo de Aveiro* poderia ser, diz o senhor, um dos mais poderosos factores de educação popular em Portugal. Bem sei, bem sei! A definir a moral, emquanto as quadrilhas, com applauso seu... mijavam na moral. Deixe lá o palavrão, não faça caso. Os homens como o senhor teem ouvidos de madamas. E as madamas, por mais asneirolas que se digam ao pé d'ellas, nunca ouvem as asneirolas.

Bem sei, bem sei! O *Povo de Aveiro* assim não educa! Isto não é educação! A educação seria ensinar os mandamentos da lei de Deus, emquanto os quadrilheiros republicanos, em nome d'esses mandamentos que eu estava ensinando ás massas, trepassem por este povo acima e... fizessem por elle abaixo. Agora não teem razão nenhuma os seus ouvidos castos, porque eu, em honra d'elles, supprimi ... o palavrão.

Bem sei, cavalheiro, bem sei!

E ainda havia outra maneira d'educar. Era dizer só mal d'aquelles... que ao senhor lhe desagradassem. Ah! pedissemos nós a morte para o João Franco, trovejassemos nós contra o Banana, arremessassemos nós as ultimas injurias á rainha, á mulher de José Luciano, ao proprio José Luciano, e ver-se-hia como para os republicanos... eramos um grande, um extraordinario educador!

N'outro dia dissémos aqui, convencido de que estavamos na verdade, o que entendemos de justiça contra um alto magnate do partido de João Franco. Logo um cidadão, n'um jornal d'Evora, franquista, clamava e *lamentava que começasse a ranger e a funccionar mal esta terrivel metralhadora que tem desfeito a quadrilha da republica.*

Quer dizer, todos Maduros, afinal. Uns mais decentes, outros menos decentes, uns mais intelligentes, outros menos intelligentes, mas, no fundo, todos Maduros, afinal.

E viva, cavalheiro.

Deus o fade bem.

Quente...

Segundo o *Diario de Noticias*, n'um dos interrogatorios a que foi submettido o Domingos Guimarães, este disse ao sr. juiz de instrucção criminal que era socio da loja maçonica *Montanha.*

O *Cornetim da Margarida* apressou-se a desmentir. Duas vezes já desmentiu!

Ora não sabemos se o homem é, ou não é, socio da loja Montanha. Mas é curioso, notavelmente curioso, o empenho que põe em desmentir o facto o *Cornetim da Margarida.*

E' curioso! E' interessante! Altamente interessante! Muito curioso!

Porque vem tão açodado e tão *azedado* o *Cornetim da Margarida* desmentir?

Porque a idéa do Guimarães, d'um assassino, pertencer á maçonaria afflige os maçonicos? Não. Que o homem é republicano, e os republicanos não só perfilharam alegremente o homem como perfilharam alegremente o crime.

Então porquê?

Será por *sempre se ter dicto* que foi da loja maçonica *Montanha* que sahiu a idéa do trama contra a vida de João Franco e contra a vida de D. Carlos?

Não sabemos. Mas é interessante o empenho do *Cornetim da Margarida* em desmentir a revelação do *Diario de Noticias!*

Seja como fôr, esse zelo do *Mundo* é um indicio. Ou muito nos enganamos, ou o sr. juiz d'instrucção entrou em boa pista.

Ha coisas que não comprehendemos, e que não são mesmo faceis de comprehender. Ha dias ouvimos nós a um individuo o seguinte:

Um sujeito estava doente, em casa, quando, no dia 1 de fevereiro, appareceu, correndo, um outro individuo, a clamar:

— Mataram agora o rei D. Carlos!

— Ah, valente Buissa, respondeu o outro, de repente, dando um pulo na cama!

Se este disse *immediatamente, instantaneamente:* — Ah, valente Buissa! esse sabia que estava planeada a morte de D. Carlos e que era o Buissa quem se propunha assassina-lo. E' bem claro! Pergunta-se: não foi este facto ao conhecimento do juiz d'instrucção criminal? Foi. A pessoa de quem se trata referiu-o em toda a parte. Isso constou e foi chamado ao juizo d'instrucção criminal. Mas o sr. dr. Silva Monteiro replicou: "Isso é uma coisa muito vaga!„ E não chamou, sequer, á sua presença o que havia exclamado: "Ah valente Buissa!„

Ora assim... bolas.

Podia ser que da prisão d'aquelle que por tal forma denunciava estar no conhecimento do crime não resultasse coisa nenhuma. Mas tambem podia succeder o contrario. N'essas circumstancia não se despreza indicio, vestigio nenhum.

Mas isto, convencâmo-nos, é um paiz unico em tudo.

Já está definido!

Escreve-nos alguem a dizer que sempre é bom definir o tratante a quem faz reclame o Margarido, pois que se elle é conhecido em Aveiro não o é fóra d'Aveiro.

Oh, meu caro senhor, está *tudo* definido! Não é só elle, o birbante. E' *tudo*. Está *tudo* definido!

Pois então não se viu logo d'entrada, não o viu todo o mundo, que se tratava, pura e simplesmente, de mais uma *chantage*, uma infamissima *chantage*, d'essas em que é tão fertil a quadrilha republicana? Tão fertil, e tão infame, e tão desavergonhada?

Parecia-nos a nós, quiz-nos parecer, que estava clara. Bem clara!

Esse gaiato indecentissimo, gaiato porco, sujo, repellente, que borra ahi com as fezes dos que o teem a mando, e com as proprias fezes, uma gazeta republiqueira, é em simples testa de ferro. De quem? Pois de quem? Quem lhe dicta a elle o que elle escreve? Quem lhe pega na mão? Quem lhe empurra o braço? O Affonso Costa, o Cunha e Costa, o Margarido, todos os presidiarios da Rua de S. Roque. Pois quem? Isso não ficou bem claro, com os reclames do *Cornetim da Margarida*, mesmo áquelles que não conheçam os bastidores d'esse asqueroso entremez que se chama a Republica em Portugal? Não era uma scena ensaiada?

Primeiro, annuncios, lá para a 3.ª pagina. Não deu resultado? Ninguem fez caso? Reclames, em 1.ª pagina. Tudo preparado! Tudo ensaiado! Como sempre!

Como se preparou e ensaiou a morte do rei. Como se ensaiou e preparou a morte de Nunes Pedro em Cascaes. Como se teem ensaido e preparado todas as infamias e todos os crimes d'aquella alfurja infecta, nauseabunda, venenosa, da rua Larga de S. Roque.

Uma *chantage*, mais uma *chantage*, mais uma porquissima e villissima *chantage*. Que a quadrilha republicana soffregamente aproveitou? Se não dá para mais a sua estupenda fraqueza intellectual, a baixesa de seu senso moral!...

De facto, não sabemos que mais admirar na nojentissima manobra, se a infamia, se a imbecilidade.

Primeiro, desde que um homem rompa toda a solidariedade com uma mulher, que tem a honra d'esse homem, a sua dignidade, o seu brio com a degradação d'essa mulher?

Bastaria isto, isto só, para demonstrar a infamia da quadrilha, d'esse bando de grilhetas, marcados já a ferro e a fogo por todos os lados, que se dizem... o partido republicano em Portugal.

Porque aqui, como no caso do Nunes Pedro em Cascaes, o Maduro desapparece. Aqui já não ha o latrinario do Maduro, o invertido, o porqueirão indecente, o pulha abjecto. Aqui ha o pulha do partido republicano portuguez, o latrinario, o indecente, o porco partido republicano portuguez. Que perfilhou o crime de Cascaes, que perfilhou a *chantage* do Maduro, que perfilha, come, engole, todas as infamias, todas as porcarias, todas as vilezas. Que *gramou* o Cunha e Costa, que *gramou* o Pechuga, o Petiz dos Cordões, o Zé dos Moinhos, que *gramou* o Guimarães, que *grama* o Maduro, que *grama* toda a trampa, toda a immundicie, toda a bicharada que lhe encha a barriga da infamia ou o sacco do estomago.

Trazeis cintos de Venus nas mulheres, miseraveis? E tendes a certeza de que mesmo assim ellas não usarão de chave falsa?

Imbecis, mas pulhas. O que, amalgamado, dá lama, materia fecal, pus, escorrencias moraes as mais repellentes que se teem visto em organismo social. E' isto, e bem isto, o partido republicano portuguez.

E' essa a vossa doutrina, ahi, como no duello, como em tudo, a doutrina estupida da estupida edade media? Bestas! Com perdão dos irracionaes!

Bestas! Formidaveis bestas!

Uma mulher engana um homem, atraiçôa o homem? Está o homem deshonrado! O homem repelle a mulher logo que se sabe atraiçoado? Continua deshonrado! Dizei-lo como doutrina? Sois mais bestas que o irracional! Dizei-lo como affronta? Continuando a ser mais bestas que o burro, sois a par, mais repugnantes que o lacrau. E' bem a vossa synthese, esse Maduro que começou por tocar buzio, que continuou por chamar p. á mulher e c. ao pae e que acaba... por ser o vosso estandarte. Abraçae-vos, que sois irmãos! Trocae mutuos applausos! Recebei a benção do vigario de Christo em Lisboa, o Bombardino Rachado!

Bestas! Grandes bestas! Mas grandes pulhas! Mas grandes miseraveis!

Segundo, quem leva uma mulher á prostituição?

Grandes bestas! Mas sempre grandes miseraveis!

Quem leva uma mulher á prostituição, uma mulher que vive na abundancia, uma mulher casada? A sua viciosa constituição, a sua desgraçada hereditariedade, o seu cerebro deficiente ou deformado, o seu vicio, a sua luxuria, a sua degradação, a sua falta de brio, a sua ausencia de dignidade,

Quem levou o Affonso Costa a ser ladrão, assassino, canalha, vil? Quem levou o Cunha e Costa á impiedade, á infamia de abandonar á miseria, á fome, os seus filhos creanças, a ser bilontra, cavalheiro d'industria, impudico, deslavado, descarado? Quem levou o Padua Correia a ser um escroc, uma alma pervertida, um rato immundo de cano d'exgotto? Quem levou o Arthur Leitão a ser *apache*, em toda a grandesa do termo, na sua maior latitude, na sua mais rigorosa expressão? Quem levou o Ribas d'Avellar a ser falsario?

Querem apenas provar que a moral republicana tem, ao menos, a coherencia da infamia, a logica da indignidade? Está bem. Concordo. Reconheço-o. Onde se justifica, defende, exalta a prostituição dos homens, deve-se justificar, defender, exaltar a prostituição das mulheres. Está bem. Concordo. Reconheço-o. Ao lado de Affonso Costa, do Cunha e Costa, do França Borges, de tantos outros tantas vezes referidos, o Pechuga, o Leandro, o Domingos Guimarães. Está bem. Concordo. Reconheço-o. Ao lado do Pechuga, do Leandro, do Domingos Guimarães, a Margarida das Flores. Ao lado da Margarida das Flores, todas as mulheres sem brio, sem caracter, sem pudor, sem vergonha. Muito bem! Muito bem! Por mais prostitutas que ellas sejam, por mais depravadas, por mais repugnantes, são virtuosas, são santas, ao pé do Leandro, do Domingos Guimarães, do Cunha e Costa, do Affonso Costa, de quasi todos os magnates do republicanismo em Portugal. Bravo, Maduro! Ahi és porco como em tudo, invertido do corpo e invertido da alma, cloaca nas aberturas dominantes do seu corpo, como as tuas irmãs em degradação physica e moral, como os teus irmãos em ideas, os *redemptores*, os *purificadores* da patria, mas és coherente e logico. O' bandido, ó latrinario!

Bravo! E está completa a moral republicana em Portugal.

Bravo! Dê-se a fortuna á mulher prostituta, á devassa, á dissoluta, que abandona o seu lar, para ella gastar com rufiões, com *souteneurs*, que os rufiões são republicanos. Vamos! A republica ainda não veio e os republicanos querem comer. Vamos, que o trabalho é duro e os republicanos querem folgar, querem gosar. Não querem trabalhar. O trabalho é para os burros. O trabalho não faz parte do *futuro*, o trabalho não faz parte da *revolta*, o trabalho não faz parte da *emancipação* da humanidade, e os homens da idéa marcham para o futuro, e marcham já, para darem o exemplo, equipados e armados em *revolta, emancipados!* A fortuna é da mulher? Dê-se-lhe, para gastar na vida airada. Dê-se-lhe, que ha sêde d'orgias e as orgias custam caras. Dê-se-lhe, que os rufiões são republicanos, e os republicanos querem folgar, querem gosar.

A fortuna é patrimonio da mulher? Herdou-a de seus paes? Dê-se-lhe, que os seus filhos já não teem direito a herdar. *Pae gallego, filho fidalgo, neto ladrão.* Eis o labaro nacional, desfraldado pela republica, que é, como se sabe, patriota. E' em nome da patria, das suas tradicções, das suas glorias, e da sua felicidade, que o Bombardino se vae sentar no thono da Ajuda ou das Necessidades. *Pae gallego, filho fidalgo, neto ladrão.* A mulher é neta! Dê-se-lhe a fortuna, que está extincto o vinculo da casa.

A mulher é neta e são netos os correligionarios. E eis porque elles constituem um grande bando de pulhas e ladrões. Isto é uma patria finda. E' uma patria a liquidar. Os avós trabalharam como gallegos. Os filhos dissiparam como fidalgos. Os netos dissipam como ladrões. Os republicanos são netos. Ou são filhos dos netos, quer dizer: ladrões refinados.

E ahi tendes, meus filhos, porque o vosso pae... se fez *reaccionario*. Foi para ficar comvosco, a defender-vos, a sustentar-vos, a ganhar pão a trabalhar. O que seria de vós, o que seria, se o vosso pae fosse tambem *homem do futuro, emancipado, revoltado!...*

O vosso pae não tinha feitio para fidalgo. E, bem o sabeis, — e sabe-o todo o mundo, felizmente — é a antithese do ladrão. Ficou *gallego*. Por temperamento, por dever, por necessidade. Tinha de ficar só. Era fatal. E tinha de ser... *reacionario*. Era fatal. Quem regressa ao passado só pode ser... *reaccionario*. Um gallego é um homem de trabalho. Bem sabeis: dizer gallego é dizer *homem de trabalho*. Ora um homem de trabalho em Portugal, hoje, não é um *homem moderno*, não é um *republicano*, nem sequer é *liberal*. E' um homem do passado. E' um *reaccionario*.

O vosso pae ficou só, não. Que grande injustiça! Ficastes vós com elle. E ficastes, não só porque a lei o mandou, mas tambem, e sobretudo, por um grande acto espontaneo da vossa vontade. Ninguem vos disputou. Servirieis para a especulação. Oh, se servirieis! Bem o vêdes. Mas ninguem vos disputou. E ninguem vos disputou porque se sabia que um *não*, vibrante, de vibração indignada, seria a vossa resposta. A começar no vosso irmão mais velho, o *feminista*, o *revoltado*! Quando soube toda a verdade, pobre illudido como eu, recuou, fugiu... horrorisado. E recuou, e fugiu... para o nosso lado.

Basta. Eu não queria falar n'estas coisas. Mas já que é preciso,—e é,—fale-se.

Já no domingo passado expuz os factos. Não procurei fortuna nenhuma no casamento. Dez contos de reis não constituiam, não podiam constituir, motivo de ganancia para *ninguem*, quanto mais para um homem que já era tenente do exercito e já possuia um nome na occasião. Em vez de prejudicar, *favoreci* os interesses materiaes dos irmãos da mulher com quem casámos, que recolheram a sua herança e que com ella ficaram, *intacta*. A mulher com quem casámos teve regalias, teve luxos, por exigencia sua, que muitas vezes se tornava difficil sustentar. Em Coimbra, durante cinco annos, toda a gente lhe conheceu esses luxos. A nós é que nunca ninguem os conheceu. Ninguem nos viu nunca frequentar casas de vicio ou estroinice. Nunca! Absorvido nos nossos trabalhos, nunca démos pelas irregularidades espantosas que essa mulher praticava. Hysterica, á sua hereditariedade hysterica attribuiamos desegualdades que manifestava na sua conducta e no seu caracter. Mas longe de nós a idéa de deshonestidade. Logo que fomos, porém, avisado d'essa deshonestidade e que a reconhecemos, puzémos a questão da separação nos tribunaes. Com expulsão, como diz o miseravel testa de ferro que os da alforja do *Mundo* teem em Aveiro? Qual expulsão se a mulher estava longe de nós n'esse momento, — por signal que gastando-nos um dinheirão — a tratar-se?

O cynismo com que mentem estes canalhas!

Posta a questão nos tribunaes, defendemos os interesses dos filhos, que era a nossa obrigação. O procurador d'essa mulher era *republicano* e nosso inimigo pessoal. Nomeou, ou propoz, para membro do conselho de familia, tres *inimigos nossos*, ou suppostos taes, com quem não tinhamos, nem temos, *nenhumas relações pessoaes*. O conselho de familia, **por unanimidade**, resolveu a nosso favor, acceitando todas nossas allegações e regeitando todas as allegações oppostas.

O que resta? Uma *chantage*, a mais porca, nos seus motivos e intuitos, a mais indecente, a mais repugnante das *chantages*.

Que importa lá que os tribunaes houvessem resolvido a nosso favor *por unanimidade?* Os tribunaes n'este paiz só são *respeitaveis* quando obdecem ás *ordens* do Margarido, do Affonso Costa, do Cunha e Costa, do Alexandre Braga, ou do Ribas d'Avellar. Ou de qualquer outro quadrilheiro d'essa laia.

Que importa lá que se minta, que se deturpe tudo, com um cynismo de que teriam pejo muitos presidiarios? Que havia a esperar d'um canalha que chamou p. á madrasta, á mulher, c. ao proprio pae? Que outra coisa havia a esperar do celebre heroe da canalhice Fratel-Chaves, do espancador da propria mãe, do ladrão da herança Esteves Ribeiro, do auctor de tantas outras façanhas d'essa ordem?

O que se quer, o que se pretende, é annullar o unico homem que *a serio* lhe faz frente em Portugal. O que se quer, o que se pretende, é quebrar esta penna, que lhe retalha as carnes como um chicote d'aço. Tapar esta bocca que os esmaga com a verdade, que os arrasa. Um milhão contra um! Espectaculo unico no mundo. E um milhão de *homens honestos* contra um *desqualificado*! E um milhão de *homens honestos* não encontram na vida publica d'um *desqualificado* com que o possam annullar! E um milhão de *homens honestos*, não encontrando na vida publica d'um *desqualificado* com que o annular, entram-lhe na vida particular! E na vida

intima só lhe encontram uma *questão de mulheres!* E ahi seguem o processo que teem seguido sempre contra o *desqualificado:* traições, deslealdades, perfidias, hypocrisias, mentiras, infamias! E nem assim vencem o *desqualificado!*

Bandalhos! Prostitutos! Da mais baixa escala. Se o não fosseis, com a vossa espantosa força numerica, o vosso recurso da popularidade, as vossas dezenas de jornaes, as vossas dezenas de homens a escreverem em jornaes, teriels o pejo preciso para não recorrer, ao menos, a processos ignobeis. O pejo e a intelligencia. Pois o que quer isso dizer? O que quer dizer a vossa impotencia, com todos esses recursos, em face de nós? O quê, senão que estamos dentro da justiça, senão que dizemos a verdade?

O publico não é tolo. O publico não precisa d'outra prova.

Pois bem. Esta *chantage* só serviu, mais uma vez, para deixar patente a vossa infamia e a vossa imbecilidade.

Defendestes quem? Quem trocou o amor dos seus filhos e o encargo do lar pelo amor do vicio e o prazer da vida facil. Porque interesses pugnastes? Pelos interesses dos rufiões, ou, n'um sentido lato, pelos interesses da prostituição desaforada.

Quem condemnastes? Aquelle que, tendo feito o que fizesse, ficou a cumprir o seu dever de cidadão e o seu dever de pae.

Que interesses prejudicastes, ou quizestes prejudicar? Os d'uns menores, que deveriam ficar sem patrimonio — era o vosso entender — para alimentar orgias e gosos de devassos, e que deveriam ficar sem o pae, que tantas vezes tendes querido annullar, depois de terem ficado sem a mãe.

Ah ladrões, que ou n'este paiz não ha homens que nos acompanhem ou nós vos juramos, aqui, que vos havemos de liquidar.

Nós vos juramos aqui...

Só vos resta um recurso, o ultimo: assassinar-nos.

Torre de S. Julião

12 de novembro.

Outro espectaculo, outra scena, da degradação, da vileza, da infamia *republicana.*

Outra prova de relaxamento, de bandalhice, de pulhice.

Outra vez demonstrada a imperiosa e rigorosa necessidade de uma *intervenção immediata* e *energica* de todos os homens dignos, de todos os patriotas, para restabelecer, affirmar e manter os principios da ordem, da moralidade, da justiça.

Refiro-me ao julgamento do Leandro. Ao que vae decorrendo n'esse julgamento. Ao que se está passando na Boa Hora.

E' a vergonha das vergonhas. E' a infamia das infamias.

Não é um tribunal. E' um prostibulo. Este nome é sempre bem apropriado. A sociedade portugueza está prostituida, escandalosa, vilmente prostituida. O que rege, o que domina, é a prostituição. Exalta-se a prostituição. Glorifica-se a prostituição. Faz-se a apotheose da prostituição.

Escuso dize-lo: os grandes sacerdotes da infamia, os grandes apologistas e glorificadores da prostituição, os grandes praticantes da prostituição, os prostitutos celebres, são os republicanos. E ei-lo provado mais uma vez em Alexandre Braga e em Cunha e Costa. Já os conheciamos. Elles não trazem novidade a ninguem. Mas se não estivessem ainda conhecidos fica-lo-hiam sobejamente com as acções indecorosas que estão praticando n'aquelle julgamento. Não são dois advogados. São dois bandidos. Mas dois bandidos *republicanos.* E' necessario não esquecer, ter sempre bem presente, que ha *bandidos* e *bandidos.* Que ha *prostitutas* e *prostitutos.* Tambem ha escola na prostituição, na desvergonha. O banditismo republicano em Portugal é um genero especial de banditismo. Não digo bem; é o banditismo pulha, reles, asqueroso. Suponham uma prostituta d'alto coturno e uma porca rameira de seis vintens. O republicanismo portuguez é a porca, é a immunda rameira de seis vintens. Supponham um cavalheiro d'industria accado, decente, com maneiras. E supponham um rufio da Mouraria, gaiato, canalha, avinhado, sujo, porco. O republicanismo portuguez é o rufio da Mouraria, gaiato, canalha, avinhado, sujo, porco. Symbolisa-se na rameira de seis vintens. Symbolisa-se no rufio repellente que arrasta a mais ignobil existencia pelas ruas da Mourasia.

Isto é uma infamia, uma vergonha, e se o paiz se não revolta, a valer, Portugal desapparece afogado em immundicie.

Creio que Lisboa está enojada com esse espectaculo do julgamento do Leandro. A Lisboa séria, é claro. Ha em Lisboa um elemento inteiramente perdido para toda a obra de saneamento moral. E' o elemento jacobino. Esse está profundamente desmoralisado. O fanatismo desmoralisou-o. Cegou-o e um cego é um automato. Produziu-lhe a cegueira do espirito que é mil vezes peor que a cegueira dos olhos. E' d'essa cegueira que vive a infamia republicana. E' apoiando-se n'esse fanatismo que se abalançam a todas as torpezas, com um descaramento inaudito, os caudilhos da republica. Mas tirando esse elemento, perdido, repito, para toda a obra de verdade e de justiça, Lisboa está enojada. Mas quê, se não se pronuncia? Esta falta d'energia, de virilidade, é que nos mata.

O *Seculo* e o *Mundo* estão fazendo, com a sua impudencia do costume, o jogo do Leandro. Os outros jornaes, pelo menos os que eu tenho lido, não dizem uma palavra. Não ha um grupo de homens com a audacia necessaria para entrar na sala d'audiencia e fazer lá dentro uma séria manifestação. Bastaria isso para que os dois bandidos, Alexandre Braga e Cunha e Costa, moderassem as suas insolencias. Porque alem de serem dois gatunos, ignobilmente vendidos a um incendiario, praticando não actos d'advogados, mas actos d'agentes prostituidos, abandalhados, de correctores, que é o termo, d'um infamissimo malandro, d'um criminoso horrendo, ainda praticou esses actos com uma insolencia e uma desvergonha que affronta todo o mundo. Mas se ninguem os corrige? Mas se ninguem os castiga?

Se a imprensa se puzesse no seu logar, se o publico se não deixasse affrontar, nem aquella nem outras vergonhas seriam possiveis em Portugal. Mas onde está a imprensa? Nós não temos imprensa. Os nossos jornaes são agencias d'interesses ou *Cornetas do Diabo.* Ou procuram viver dos partidos, ou procuram viver do seu *officio*, como o *Diario de Noticias*, que não passa d'aquelle papel d'informador e annunciador, ou são d'absoluta *chantage* como o *Seculo* e o *Mundo.* Por outro lado, o publico não tem iniciativa nem energia propria. Ainda faz alguma coisa *muito picado.* Se a imprensa o *pica, o excita*, vae. E então vae para o bem ou para o mal. Como a imprensa em Portugal se excita para o mal, vae para o mal. Mas se a imprensa não diz nada, elle nada faz.

E' o caso agora. Advogados, testemunhas, com rarissimas excepções, juiz, tudo aquillo é uma vergonha. Tudo aquillo merecia *ser corrido a pau.* Era o unico castigo condigno. Sem se chegar a tanto, podia-se, comtudo, *fazer muito* no sentido da moralidade e da justiça. Bastava que as testemunhas *patentemente vendidas,* que os dois corretores dos dois incendiarios — Leandro e Euphrasio — que o *senhor juiz* sentissem na sua frente uma *opinião publica* forte e energica para não chegarem a tanto. Ao menos para não chegarem a tanto. Ao menos para não affrontarem a cidade de Lisboa e o paiz.

Alli não se salva senão o agente do ministerio publico e duas ou tres testemunhas. Mais nada. Não falamos nos jurados porque esses ainda não se pronunciaram, a não ser um senhor Estrella para reprehender o delegado por elle invocar repetidas vezes a attenção dos jurados! E' espantoso! E' unico! Mas é exacto!

O agente do ministerio publico, sim. Tem cumprido o seu dever. E' digno de todos os applausos. E' o unico que tem feito frente áquella malta toda. Mas o procedimento do juiz tem sido assombroso. Como se explica isso?

Assombroso!

Então o senhor juiz consente que os advogados exerçam toda a pressão, toda a violencia, toda a chicana, toda a traição com as testemunhas? Então um pobre homem pode lá resistir áquillo? A'quellas sophismas? A'quelles machiavellismos? A'quellas infamias de longo tempo estudadas, preparadas?

Nem um pobre homem, nem ninguem. E' claro que um homem intelligente sabe repellir sophismas, chicanas, machiavellismos muito bem. Se já vae preparado, note-se! Fóra d'isso, o homem intelligente e leal ainda cahe mais facilmente n'uma armadilha que o velhaco estupido. Mas, emfim, alli não havia perigo, porque todo o homem intelligente sabia já com quem ia lidar. Porem contra os insultos, as troças, os escarneos dos dois bailões? Pois ha um juiz em Portugal que consente aquillo? Para isso só havia um recurso, senhor juiz. Era pegar na cadeira e desfaze-la na cabeça dos advogados... e do senhor.

Que grande pouca vergonha!

O que elles teem feito á policia! O que elles fizeram ao chefe Romão José Ferreira! Como se ha de manter a ordem em Portugal? Quem ha de ter zelo pela ordem publica, pela segurança dos cidadãos em Portugal? Para quê? Para receber d'aquellas recompensas?

Que o infamissimo Margarido, que os rufiões do *Mundo*, todos aquelles miseraveis, insultem a policia dia a dia, vá. E para esses ainda a policia tem um recurso: é racha-los de meio a meio, como quem racha uma féra, quando os apanhar a geito em qualquer motivo. Mas a policia a ser insultada nos tribunaes, escarnecida, cuspida, espesinhada, arrastada, com a sancção de quem preside aos julgamentos, isso só n'esta cloaca, só n'este prostibulo em que se converteu o paiz. Isto é uma cloaca. E uma cloaca muito fedorenta. Isto é um prostibulo. E um prostibulo muito immundo.

Ainda se fosse a favor d'uma causa justa e digna... Não se devia consentir. Porem, tinha alguma justificação. Mas a favor do Leandro e do Euphrasio?...

Eu concordo que o Leandro ganhou direito á vice-presidencia da republica. Concordo. O Euphrasio não pode deixar de ser pagem do rei republicano Bombardino. Mas emquanto não vem a republica, só um logar lhe pode ser destinado: a Penitenciaria.

Pois quem duvida da culpabilidade do Leandro? Quem? Recolha-se quem quizer ao tal tribunal da consciencia para dizer: *duvido eu*, que não duvida, que não tem duvidas nenhumas. A consciencia se é muitas vezes tribunal tambem é muitas vezes enxovia. Serve para abrigar e proteger a justiça. Mas tambem serve para abrigar e proteger a infamia.

Quem duvida?

Ninguem.

Esta é a verdade. Eu sinto essa convição *em todo o mundo.* Tenho-a. E sinto-a em todo o mundo. Na verdade, ha um conjuncto de factos, de indicios, que tornam essa convicção inabalavel. E quando outros não houvesse, bastaria a attitude dos dois advogados. Bastaria a attitude da imprensa. Bastaria a attitude de muitas testemunhas. Vê-se o viso a brilhar, a saltar. Vê-se o viso pezar. Não é um julgamento, é um leilão.

Pouca vergonha. Grandissima pouca vergonha.

Está tudo comprado. Isto corre de bocca em bocca e a gente vê-o. O publico tem uma grande facilidade em lançar suspeitas infamantes a proposito de tudo. Bem se sabe. Mas ha suspeitas sem fundamento nenhum, desmentidas pelos factos ou assentando com base fragil, e ha suspeitas assentando em factos que se vêem. O procedimento dos advogados é de quem tem a *plena certesa* da culpabilidade dos seus constituintes. Aquillo não é procurar a verdade. Aquillo é *esconder a verdade.* A verdade nunca se serve de taes expedientes. D'aquelles expediente, serve-se a mentira. Quem serve a verdade não é trapaceiro, enredador, mystificador, escuro, ignobil. E' claro, é recto, é leal.

Depois a attitude das testemunhas. Depois a attitude dos proprios réos.

Depois sabe-se *positivamente* que os dois advogados Alexandre Braga e Cunha e Costa andaram por casa dos jurados republicanos. Depois sabe-se *positivamente* que parte da imprensa tem sido comprada. Depois sabe-se *positivamente* que o Leandro tem gasto n'este processo uma fortuna. Para quê? Tudo para quê? Para comprar a verdade? A verdade nunca se comprou e nunca se vendeu.

E o procedimento com o Fernandes? Infamia! Infamia das infamia! O proposito feito, cerrado, d'entalar o infeliz!

O Fernandes é criminoso, não ha duvida. Mas tanto empenho, tanto empenho em apontar só a elle como criminoso é um clarão que esclarece, afinal, não o crime d'elle, mas o crime dos outros.

O crime dos outros, o crime dos outros! O duplo crime dos outros! E's pobre? Paga a tua pobreza, miseravel! E paga-a... em nome da liberdade, da egualdade e da fraternidade!

Infamia! Infamia! Na Boa Hora não se está julgando só um crime commum. Na Boa Hora está-se julgando um crime social.

Infamia! Infamia!

O Bernardino e o general Sr. Justino Teixeira.

"Tudo quanto para ahi ha, alta democracia, alto militarismo, parlamento, imprensa, etc.„, como muito bem dizia *Ignotus*, é a um tempo de uma baixeza e ganancia unicas. Nem d'outro modo seria possivel uma orgia desenfreada (ainda maior após o 31 de janeiro), que ha de muito vem atormentando e rebaixando ao infimo esta pobre patria portugueza, e factos não faltam nem se contestam! E como seria mesmo possivel em qualquer outro paiz, que após um 28 de janeiro e um cru e infamissimo regicidio, —de que a imprensa lá fóra accusou de cumplices todos os homens do regimen monarchico, inclusivè, e lembramo-nos até do jornal hespanhol *La Integridad*, de 18-4-9 —, como seria possivel, *de novo*, um *bloco* hybrido de dissidentes, republicanos, Teixeiristas e Vilhenistas?... melhor, como diziam aqui ha tempos dois jornaes muito bem informados: "o *bloco* quadrilatero que se apoia no grupo dissidente do snr. Alpoim, no grupo regenerador independente do snr. Teixeira de Souza, no grupo financeiro do *Seculo* e no grupo republicano do *Mundo.* Bloco constituido por elementos que á primeira vista parece trabalharem em terrenos diversos e cujos exforços, todavia, concorrem para um fim commum, *qual é o de estabelecer e manter a preponderancia politica e financeira d'um syndicato que pretende o exclusivo dominio no paiz.*„ (O sublinhado é nosso.)

Como e onde seria isto possivel senão n'um mundo "de cinco milhões de broncos, quatro dos quaes analphabetos„?!... Que esta era a synthese da carga com que, á uma, a imprensa extrangeira — toda! — nos zarzia após o regicidio, com flores e romaria á campa dos assassinos!...

Como e onde seria possivel que um obsecado e um imbecilisado, um maduro sem sciencia nem consciencia — afinal, como elles todos da companhia: "dize-me com quem lidas, dir-ter-ei quem és„ — e que senão com as mãos tintas de sangue, pelo menos com as vestes salpicadas, lá viesse logo depois da sua fuga doida para Salamanca no automovel do "queridissimo„ amigo Balthar, que por signal na primeira columna do seu jornal se penitencia de toda a sarna politica, para immediatamente duas ou trez columnas adeante cahir na mais torpe politicagem, como é onde seria possivel, que tal obsecado, lá viesse logo depois da sua dita fuga ultra-cobardissima, acolher-se ao paço deante da familia coberta de luto e de dôr — tudo obra d'elle com outros sicarios de egual jaez! — para de novo como sempre, diga-se, voltar a ameaçar a corôa como ora acontece com o aliás ignobil pretexto sem fundo do bispo de Beja?!... Como e onde seria isto possivel, com esse côro, com esse jogo, já agora ahi exibido torpemente do elogio mutuo do *Mundo* para com Teixeira de Souza, agradecendo as *Novidades*, etc e tal?!...

Como? senão n'um mundo de desqualificados — de torpissimos desqualificados!

Sim, porque urge que se saiba. Logo a seguir ao 31 de janeiro, d'essa "aurora redemptora„ de desgraçada imbecilidade e memoria, os chamados monarchicos — e que tinham afiançado ao rei que nada haveria„ (elles lá tinham as suas razões!...) sempre lacaios e na espectativa do olho da rua, que é a sala dos cães, temeram-se do patrão, senhor pelo momento, e filho de D. Maria Pia (diga-se), e então deram-se pressa em atamancar as coisas, que *realmente* não estavam boas: e, está claro, fizeram-se mais papistas que o papa. — Distribuiram castigos a esmo, exoreismaram regimentos, modificaram algo os dois polos da sua orbita de rotação de politicagem: a confiança da corôa e o exercito contente„... e seguro! houveram de accrescentar — com a pena de morte, para as crimes de rebelião armada, era de ver!...

E mais: crearam a chamada "junta de moralidade„ (?!) isto é, uma junta de generaes, julgando secretamente, á porta fechada, sem a minima defeza do paciente... republicano ou em cheiro de tal no momento, está claro!

E peor: esta monstruosidade que só prova o estado de consciencia juridica do exercito, do paiz, do parlamento, da imprensa, e mais do que tudo dos politicantes, passava sem o minimo reparo ou objeção em plena camara dos deputados, onde havia, saiba-se, 38 deputados officiaes do exercito e marinha; 38 figuras de ornamento do rotativismo, outros tantos pretensos minirinhos da guerra do futuro, e que, está evidente, não tugiam nem mugiam, porque egualmente... o patrão lá estava para lhas contar tesas!... E d'esta arte infringiam elles proprios desde logo esse famoso artigo 3.º do codigo de Justiça Militar, que manda ao official "guardar e fazer guardar a constituição (liberal) do paiz„. Para não falarmos já da isempção, decoro, etc., etc. impostos a todos os officiaes.

Ora agora compare-se isto com o succedido ha pouco em França com o esbofeteado general André em pleno parlamento por causa de questões militares, *ainda longe do que se passa entre nós*, e digam-nos quem são, afinal, os desqualificados em meio de toda esta bachanal que soberanamente nos degrada...

— Vá, illustres republicanos: é a vós que originastes isto tudo, que comprometestes muitos officiaes e muitas familias, com a vossa demencia, é a vós, os maiores responsaveis de actos de vandalismo inqualificavel perante a attonita Europa, é a vós que perguntamos: quem são os desqualificados? qual é o vosso representante no jornal ou em cortes que jamais ousou — como lhes cumpria — levantar esta questão de consciencia juridica, esta questão que não abandalha só o exercito, mas a uma nação inteira?!...

Imbecis, malta da peor especie, que de resto não fazeis lembrar a todo o momento — com a atoarda unica de "desqualificado„ — que afinal não passaes de miseraveis rafeiros, sem a mais leve consciencia da torpesa propria que estaes baixamente, vilmente praticando e constatando a toda a hora!

*

Mas vamos, que só agora poderá ser por completo posta em fóco toda essa imbecilidade do transfuga Bernardino, vamos á historia, que ainda que muito inacreditavel pareça, só vem provar a imbecilidade e maldade monarchica — e peor, se é possivel, a imbecilidade e maldade republicana. A historia é-nos garanttda por dois illustres engenheiros.

Era ministro das obras publicas, da monarchia, o inclito varão Bombardino, quando um dia rebenta subito um officio urgente ou um telegramma (que não nos lembra este pormenor) chamando do Porto a Lisboa o general Sr. Justino Teixeira, director do caminho de ferro do Minho e Douro, o auctor e alma do projecto do troço de linha de S. Bento a Campanhã, cujo *fervet opus*, á data, era extremo, não se podendo dar no passo sem o illustre engenheiro estar presente

Claro, que a uma tal ordem, lá marchou a toda a pressa para Lisboa, o general, contrariadissimo, e no dia seguinte, mandou ao ministro o seu cartão, dizendo que ali estava na respectiva sala esperando pela dicta urgencia...

Esperou, esperou, esperou, de manhã até á noite... e nada de ser attendido.

Voltou no dia seguinte, e segue-se exactamente o mesmo fadario, no qual, de resto, se passaram mais uns trez e desesperantes longos dias, por isso que os officios e perguntas do Porto choviam já sobre o general, a proposito das obras-e é de ver quanto ao animo de um trabalhador e dedicado como elle, deveria custar tudo aquillo, na duvida do que haveria de sair de semelhante boceta de Pandora. Tomou pois, por ultimo, mais uma vez o expediente de se dirigir ao secretario do ministro, contando-lhe o que havia e exigindo uma resolução definitiva, já fóra de si.

Effetivamente, só assim o ministro se resolveu a mandar entrar o illustre general, e com mil disculpas lhe impinge um longo arrasoado de que perdoasse de o fazer esperar, mas que elle ia para ali de manhã trabalhar, que lá almoçava, e ás vezes tambem jantava, que tinha a "cabeça em agua„ (lá isso já nós sabiamos), que tudo aquillo era um cahos, que precisava trabalhar dia e noite... emfim, espectorou um d'esses conhecidissimos sermões estopantes para concluir, abeirando-se mais do general: eu mandei chamar a V.ª Ex.ª... para lhe pedir a transferencia do aguilheiro da estação de *tal* (não nos lembra) para a de *tal.*„

Ah! que não sademos de nojo como o contemos! Mas imagine-se, se alguem ha que o possa imaginar, do estado d'alma, da phisionomia transtornada, da cara do illustre e digno trabalhador, do homem que só tem a religião do trabalho do bem e da devoção pelo seu paiz, imagine-se do estado de tal espirito ao ser-lhe disparada á queima roupa, no fim de cinco anciosos dias de falta ao que elle reputava uma questão instante, uma questão d'honra, uma semelhante calinada, uma imbecilidade de tal jaez, uma pachochada de calibre unico. Imagine-se... e claro que o transtorno da sua phisionomia não podia escapar mesmo áquelle maduro, que assim provocava não sabemos se mais a indignação, se o tedio, se o mesmo dó a um homem por todos os titulos illustre e benemerente. E, então, reconhecendo de algum modo, tardio, a raia que havia commettido, ei-lo de novo, com a reproducção do seu discurso, e pedindo novas desculpas de haver incommodado o sr. Conselheiro, mas que emfim, só a S. Ex.ª queria fazer directamente o pedido...

Mas, a este tempo, já o general, o conselheiro, reposto de tanta surpresa, cortou de subito a veia discursoria, interrompendo: sim, Sr. ministro, V. E.ª, manda e será servido, mas eu não posso demorar-me mais... e com licença. Deixando o illustre Calino, veio o general correndo ao hotel, e nem sequer jantou. Era a hora de partir o comboio e lá foi para o Porto, estupefacto com o que era um ministro em Portugal...

Verdade seja, porem, que do Sr. Bernardino, a opinião que deixou de si no ministerio e entre os engenheiros: — "é que nunca entrou no ministerio das obras publicas em Calino de semelhante força„. Já é!

E' bom tambem que se saiba que S. E.ª fez muitas d'estas coisas parecidas com a do illustre general, de cuja obra de S. Bento a Campanhã, urge que se saiba, egualmente o que na opinião de engenheiros lá de fóra, e o que de uns engenheiros austriacos que visitaram o tunel de S. Bento: — "que o tunel em questão faria a reputação de um engenheiro em qualquer parte do mundo„. E ella apesar de escapar ás vistas, e até por isso mesmo, por ser soterrada, quiçá a primeira obra de nossos dias da engenharia portugueza. Valha-nos isto, ao menos, compensando tanta imbecilidade, tanta maldade, sorna.

F. G.

O preço do POVO DE AVEIRO avulso é de 20 réis.

Que grande malandro!

A monarchia... quando elle era monarchico:

Não é exacto dizer-se que a monarchia em Portugal nunca foi liberal. Foi-o, e, assim o nosso povo se preparava progressivamente para a plena posse dos seus direitos. Os estadistas que presidiam a essa obra de emancipação popular, eram monarchicos, mais ou menos avançados, mais ou menos conservadores, mas todos liberaes, porque eram estadistas dignos d'este nome, que punham acima dos seus serviços ao regime, sempre transitorio, os seus deveres supremos para com o progresso da nação. Não tinham medo da republica, e até, na exaltação das refregas politicas, varios d'elles o proprio Fontes, que passava por o mais monarchico de todos, chegaram a ser por vezes accusados de republicanismo.

Esse periodo de ascensão liberal foi tambem de prosperidade material e espiritual, de fomento da riqueza, de desenvolvimento da instrucção: construiram-se estradas, caminhos de ferro, telegraphos, etc., e cuidou-se do ensino, multiplicando as escolas profissionaes para o povo. E, contidas então as paixões clericaes e iniciada praticamente a liberdade religiosa pelo registo civil voluntario e pela secularisação da escola, esse periodo, que medeia entre os dois actos addicionaes á constituição, de 1852 e de 1885, foi finalmente um periodo de paz quasi ininterrupta. Tanto a economia e a tranquilidade da nação dependem estreitamente do exercicio desafogado das liberdades publicas!

A monarchia... depois d'elle se feito republicano:

O poder divide-se discrecionariamente pelos bandos monarchicos; os recursos do thesouro vão-se em adeantamentos illegaes á casa real e a particulares, o exercito é posto ao serviço do rei e dos caciques, e quer-se que o clero então por toda a parte o hymno da realeza. E não é só: tudo pelo rei! é a declaração de guerra, por todas as fórmas, á democracia. A politica do engrandecimento do poder real é a politica do enfraquecimento do poder popular. A monarchia oprime o povo, negando-lhe todos os direitos, negando-lhe mesmo o conhecimento d'elles por meio da instrucção; empobrece-o, delapida-o, sobrecarregando-o de impostos e de dividas; maltrata-o, chacina-o, mandando-o acutilar e espingardear pelos janizaros da sua escolta; e até as crenças religiosas do nosso bom povo tenta implacavelmente converter em odios contra os proprios caudilhos que o defendem.

Que grande malandro!

Sr. director.

Sabbado ultimo, 6, á noite, correu aqui, com a maior insistencia, o boato de ter sido assassinado João Franco.

Porem, devo notar-lhe — pois é importante — que os individuos que mais movimentados se mostravam na divulgação d'este boato — eram republicanos.

Sei mesmo, com segurança, que *alguns* foram ao *rapido*, que aqui passa ás 9 e meia da noite, saber o que havia...

Sim, saber o que havia, não sei se comprehende...

Ora, diga-me, não se tramará, realmente, algum tenebroso attentado contra a vida de João Franco?

A mim, francamente, quer-me parecer que sim...

Que *alguma coisa* está planeada, *alguem* m'o deu a perceber...

O boato, aqui, em *certos meios*, parece que era recebido com familiaridade...

Viam-se *esfregar mãos* e nos labios uns *rizinhos* malignos afloravam...

Não tem reparado que o *Mundo*, ultimamente, em pequenas *notas*, na 1.ª pagina, procura fazer acreditar á canalha, que acaudilha, que João Franco voltou a intervir directamente nos destinos da politica portugueza?

Não tem reparado?!...

Não?!...

Eu só lhe *garanto* que aqui,, em *certos meios*, muitas horas antes, conhecia-se o que ia succeder ao rei D. Carlos, no 1.º de Fevereiro...

E agora, como então, foram vistas *certas figuras* na estação do caminho de ferro, a indagarem o que havia...

Commente como quizer.

O preço do POVO DE AVEIRO avulso é de 20 réis

Um incidente universitario

A outra semana, recebemos, como annunciámos, uma carta do sr. dr. Teixeira d'Abreu.

Publicamo-la em seguida e devemos dizer que nos deixou atonito. Pois o rapaz ternos-hia mentido? Em assumpto tão melindroso? E simplesmente para justificar a sua má classificação ou uma reprovação, se esta viesse?

Ficámos assombrado.

Mas... necessariamente nos tinha mentido. D'outra forma, como veria um professor, um ex-ministro d'estado, escrever aquella carta?

Ficámos assombrado e incommodado. Porque, então, o rapaz, o que não suppunhamos, tinha mau caracter. Nós nunca mentimos a ninguem. Somos formalmente opposto á mentira. O nosso temperamento — não se casa com a mentira. Mas, sobretudo — meu pae morreu tendo eu dois annos — nunca menti a minha mãe.

Chamámo-lo e fizemos-lhe ver toda a gravidade do caso. Affirmou o que tinha dicto! Observámos-lhe que necessariamente havia testemunhas presenciaes dos factos e que quem mentisse ficaria deante d'ellas n'uma deploravel situação. Continuou affirmando a verdade dos casos narrados. N'estas circumstancias só nos resta publicar a carta do sr. dr. Teixeira d'Abreu e a carta do estudante depois da carta do professor.

Démos ao estudante uma copia da carta do professor, dissémos-lhe que fosse para casa e que respondesse de lá.

Nós não podemos affirmar que o rapaz esteja mentindo desde que elle resolutamente affirma que não mente. E não podemos affirmar que esteja mentindo o sr. dr. Teixeira d'Abreu. Faltam-nos elementos para julgar. Para oppormos a uma affirmação só temos outra affirmação. Mas o curso de direito, o 2.º anno do curso de direito e outras pessoas de Coimbra e da Universidade, certamente conhecem os factos. Essas que apreciem e que julguem.

Seguem as duas cartas.

Sr. Redactor do *Povo de Aveiro*

Desejando que os leitores do seu jornal possam formar juizo exacto sobre os meus actos como professor do filho de v. no anno lectivo findo, peço-lhe o favor de publicar no mesmo jornal as seguintes declarações:

1.ª — E' falso que eu fizesse na minha aula qualquer referencia á separação de conjuges por v. relembrada. *Nunca, directa ou indirectamente, eu alludi a v., a sua esposa, ou a factos que possam interessar-lhes. Nunca!*

2.ª — E', por isso mesmo, tambem falso que eu perguntasse a seu filho o que pensava sobre o caso; e tambem o é que este me respondesse, a proposito d'aquelle assumpto *ou de qualquer outro* " que não era obrigado a dar resposta a perguntas isoladas „.

3.ª — Nunca accusei seu filho de ser *repontão* e *indisciplinado* durante o anno. Nem motivos tinha para isso, porque elle esteve sempre na aula com a devida correcção, limitando-se a apresentar-me, de certa altura do anno em deante, em todos os dias da aula, a declaração escripta de que não estava habilitado para dar lição. Recebi sempre essas declarações com a devida cortezia, sem fazer observação alguma; e não houve entre nós, desde o 1.º ao ultimo dia da aula, o mais ligeiro conflicto ou incidente.

4.ª — Nunca disse a pessoa alguma que este estudante, quer estudasse quer não, seria reprovado no seu exame final. Nem o disse, nem o pensei. Pelo contrario: a elle proprio disse no acto, e antes d'isso o tinha já dicto a outras pessoas, que seria examinado nos mesmos termos em que o tinham sido os seus condiscipulos, e, se mostrasse conhecer as materias, seria approvado como elles, não obstante a irregularidade da sua frequencia. Eu cumpri: o interrogatorio, que lhe fiz, foi tudo quanto de mais simples e de mais claro eu podia fazer.

Taes são os factos, por muitas pessoas presenceados alguns d'elles, que julgo dever oppor ás accusações concretas do ultimo numero do *Povo de Aveiro*, que só agora li.

Coimbra, 4-11-909.

O Professor,
Teixeira d'Abreu.

—†—

Meu pae

Em resposta ás perguntas que me faz e á carta do professor Teixeira de Abreu cuja copia fez favor de me enviar, tenho que declarar-lhe:

1.º — Affirmei, affirmo e sustento que, poucos dias passados depois da abertura da aula de Direito Civil do 1.º anno, 1908-1909, o professor Teixeira de Abreu referiu, na aula, com todas as minucias, um caso passado em Coimbra, dois ou tres annos antes, entre meu pae, minha mãe e elle, dr. Teixeira de Abreu, que aquella tinha escolhido para seu advogado no processo de separação que resolvera intentar, condemnando o procedimento d'uma das parte n'essa questão, que era o meu pae, e perguntando depois ao n.º 45 de curso, que era eu, qual a sua opinião sobre o assumpto, ao que respondi, energicamente, que não era obrigado, pelo regulamento da Universidade, a responder a perguntas isoladas, e o não faria portanto. Ao que esse professor não replicou, passando a interrogar outros alumnos.

2.º — Affirmei, affirmo e sustento, que durante o anno, por tres vezes, o professor de Direito Civil me dirigiu perguntas isoladas para o logar, a que, me recusei a responder, fundando-me na lei que não admitte esse processo de avaliar do aproveitamento dos estudantes

3.º — Affirmei, affirmo e sustento cathegoricamente, que o professor Teixeira de Abreu me accusou muitas vezes de *repontão e indisciplinado*, particularmente, a varias pessoas que me transmittiram indirectamente essas noticias, e cujos nomes não estou auctorisado a revelar, nem leal e dignamente revelar posso, e publicamente, no penultimo ou ultimo dia de aula da cadeira de Direito Civil, declarou bem alto, na presença do curso inteiro, que *alguns alumnos ali havia que, pela sua attitude indisciplinada e incorrecta, pela sua falta de aproveitamento, estavam destinados a repetir o anno, e lhe aconselhava pois desde já que fossem no anno immediato, mais prudentes.* Estas palavras, proferidas perante todo o curso, visavam-me apenas a mim, pois era eu o unico estudante que, para o criterio de Teixeira de Abreu, podia, entre os meus condiscipulos, ser *indisciplinado e incorrecto.* Assim o entenderam tambem a maior parte d'elles que, terminada a aula, se me dirigiram, commentando.

4.º — E' absolutamente falso que eu, de certa altura do anno em deante, apresentasse ao professor Teixeira de Abreu, em todos os dias de aula, a declaração escripta de que não estava habilitado para dar licção. Apresentei, realmente, essa declaração escripta ao professor, não de certa altura do anno em deante, mas indeterminadamente, quando a minha saude me não permittira estudar. E isso fi-lo muito poucas vezes, como fizeram quasi todos os meus condiscipulos, limitando-me a substituir a formula convencional e humilhante: "Fulano, n.º tal, pede a V. Ex.ª se digne dispensá-lo da licção de hoje„, por esta simples declaração, muito mais altiva e unica compativel com a intelligencia e a dignidade d'um estudante: "Fulano declara a V. Ex.ª que não está habilitado e disposto a dar licção„. O professor Teixeira de Abreu sómente uma vez pretendeu recusar-se a receber a minha declaração, allegando que não admittia n'esse dia dispensas. Ao que repliquei que nada tinha com isso, insistindo para que acceitasse a declaração, o que o professor fez.

5.º — Ainda uma vez affirmei, affirmo e sustento da forma mais terminante e clara, que o professor Teixeira de Abreu disse a varios pessoas que eu seria reprovado no exame final, soubesse o que soubesse e desse por onde desse. E dias antes do meu acto, o professor José Tavares, membro do jury que devia examinar-me e pau mandado por Teixeira de Abreu, declarou na Havaneza, em grupo de varios franquistas, que o jury estava atravez de tudo disposto a reprovar-me porque eu era um *discolo* dentro da Universidade, *alluia a disciplina e não estudava nada.*

Ainda na vespera do meu acto, estando eu de ponto e tendo entrado no Café Lusitano a tomar qualquer coisa, com dois ou tres amigos com quem conversava sobre o meu acto do dia seguinte, approximou-se de nós, assentando-se n'uma meza ao lado, uma creatura qualquer que ouviu attentamente a conversa e em especial as minhas palavras, correndo a reproduzi-las ao

lente Tavares, que estava defronte, na Tabacaria Haveneza, encostado á porta, e que, ouvindo as palavras do denunciante, replicou: "Amanhã a esta hora não está elle tão contente. Eu tomei-o á minha conta.„

Foram-me estas palavras reproduzidas por um amigo meu que n'esse momento sahia da Haveneza, onde entrara a comprar tabaco.

Foi portanto publicamente declarado nas vesperas do exame e mesmo muito antes d'isso, pelos membros do jury, que eu seria, *atravez de tudo, reprovado, porque era um discolo, alluia a disciplina e não estudava nada.*

No acto declarou o dr. Teixeira de Abreu, para salvar a situação, astuciosamente, que eu seria examinado como os meus condiscipulos que estavam nas minhas circumstancias, com a aggravamte de estar preterido por todas as faltas. A isto repliquei que havia dado o numero de faltas que o regulamento permitte, e não lhe devia portanto a elle, professor Teixeira de Abreu, nem a ninguem, satisfações ou desculpas de especie alguma. Mas que eu tinha dado 16 faltas, que o regulamento me permitte dar, ao passo que elle professor, tinha dado simplesmente a terça parte do numero de aulas que o regulamento determina, abandonando o seu curso n'um desleixo criminoso, indo umas vezes para o tribunal, outras para Cabanas, e deixando-se outras vezes ficar na cama, dormindo socegadamente, com a mais absoluta indifferença pelos ensino da sua cadeira e pelo aproveitamento dos seus alumnos. Mais disse a S. Ex.ª que não comprehendia portanto como um professor que dava apenas a terça parte das aulas que a lei manda, com mais cultura, com mais deveres, com muito mais responsabilidade do que um alumno, vinha accusar este de ter dado as miseras 16 faltas que a lei lhe permitte!

6º — E' inteira e absolutamente falso que o interrogatorio feito pelo professor Teixeira de Abreu no meu exame de Direito Civil "fosse tudo quanto de mais simples e de mais claro se podia fazer„ como, com audacia inegualavel, diz esse mesmo professor.

O professor Teixeira de Abreu fez do seu interrogatorio uma armadilha cheia de élos em que a todo o momento pretendeu fazer-me cahir, precisamente como momentos antes havia feito, aliás com muito menos habilidade, o seu collega Tavares. Começou por interrogar-me fóra do ponto, depois das minhas declarações terminantes de que não responderiamos ás perguntas feitas fóra da lei, cujo cumprimento exigia, e passando, perante a minha attitude intransigente e decidida, a interrogar-me dentro do ponto, não conseguiu mostrar a ninguem que eu o não sabia muito bem e lançou então mão do unico recurso que lhe restava, recurso aliás illicito e desleal. Estabeleceu a discussão, defendendo a these falsa, contrariando as minhas affirmações que eram verdadeiras. Sustentei e sustentei triumphantemente, porque era eu que tinha razão, a minha these, e o professor Teixeira de Abreu, vendo que eu tinha absoluta consciencia do que eu affirmava, poz ponto na discussão, passando a outro assumpto, isto para dar ao publico, que ignorava a verdade, a impressão falsissima de que as minhas affirmações eram erradas. Este facto repetiu-se umas poucas de vezes, percebendo-se nitidamente que era plano premeditado de Teixeira de Abreu, para empregar em ultimo extremo.

Por fim, e quando eu me dispunha a desmascará-lo, pergunta-me de chôfre Teixeira de Abreu:

— O que é mais amplo, o direito interno ou o internacional?

Precipitadamente, e muito irritado já, respondi:

— O direito interno.

E' claro como agua, qualquer leigo vê isto, que o direito internacional é muito mais amplo que o direito interno. E a minha resposta só se podia attribuir a irreflexão de momento, ou mesmo a uma troca de termos. Pois foi exactamente n'esta altura, servindo-se da primeira resposta errada dada por mim, que o dr. Teixeira de Abreu, ao mesmo tempo que o seu collega Tavares, começaram a pretender ridicularisar-me, rindo-se das palavras com que pretendia justificar essa resposta irreflectida, e dizendo-me então o professor Teixeira de Abreu que era aquelle o resultado da minha attitude desleal. Foi o momento em que abandonei a serenidade que até ahi mantive, e confundi os que me examinavam com accusações para que não encontraram outra resposta que mandar-me expulsar da salla, e que longo seria reproduzir n'esta carta que visa tão sómente o restabelecer a verdade dos factos, inutilisando as audaciosas falsidades que esse professor se não pejou de lançar em publico para se salvar d'uma situação vergonhosa.

Cumpre-me ainda dizer-lhe que o meu exame foi presenciado por muitissima gente, que enchia totalmente a salla dos actos, e que a attitude deslealissima do dr. Teixeira de Abreu, bem como a attitude aggressiva e insolente do seu collega Tavares, e o proposito firme de me reprovarem, foi notado por todo o mundo que abandonou a salla commigo, commentando indignadamente os factos que acabavam de passar-se.

E' o que tenho a dizer em resposta ás perguntas que me dirige e á carta do professor de direito civil.

Lisboa, 8 de novembro de 1909.

Seu filho e amigo

Francisco Manuel Homem Christo, Filho

A grande quadrilha

De Coimbra escrevem-nos:

Sr. director.

Coimbra, Novembro.

A *ladroeira* da Empreza Editora de Propaganda Liberal, que o seu jornal tão sensacionalmente revelou, causou n'esta cidade a mais profunda impressão.

O Leitão, aqui, chegou a collocar mais de um conto de reis de acções. Consta, porem, que *muito mais* recolheu, pois, exgottadas as acções, impingia, como em Leiria, recibos provisorios.

De maneira que elle, além dos 8 contos, capital da «Empreza», foi apanhando aos incautos toda a massa que poude, e impingiu-lhes recibos provisorios...

Dizem-me que, com este expediente, deve ter apanhado mais uns cinco contos em todo o paiz!! Oito e cinco—treze contos!

Hein, que melro! Que gabirú!

Os accionistas d'aqui ficaram irados com a ladroeira!

Não se falla em outra coisa.

A' mesa da assembleia geral, além de Bernardino Machado, pertencem Antonio José d'Almeida, José de Castro e outros magnates republicanos. Ao conselho fiscal, além de Affonso Costa, José Bessa de Carvalho, João Tudella e outros.

Imagine que bella experiencia de administração republicana!!

Tudo comido em 6 mezes!

E ácerca de contas aos accionistas — o mais completo silencio de toda a quadrilha!

De toda!

Que bello espelho!

Outra do Leitão, que aqui se conta a todos os cantos:

Deu-se com o fallecido dr. Duarte de Vasconcellos, que foi juiz na India, salvo erro. Estando um e outro na Figueira, o dr. Vasconcellos precisou de trocar umas 30 libras, ouro, para papel.

Como o Leitão vinha n'esse dia a Coimbra, offereceu-se para as cambiar... n'uma casa conhecida do juiz. Este, que conhecia o Leitão ha poucos dias, agradeceu e acceitou o offerecimento...

Porem, esperou, esperou, cançou-se de esperar pelo amigo Leitão e... até hoje.

Como era um bonacheirão, um bom homem, o juizo limitou-se a contar a *escroquerie* a pessoas das relações, e resignou-se...

Isto, sr. director, é o que aqui se conta.

Vá registando.

Félizara

Sempre os mesmos

Um dos fabricantes de bombas, Aquilino Ribeiro, é descripto como um heroe n'uma publicação que ahi appareceu —*Homens de Acção*. E uma das heroicidades do heroe é esta:

«De uma das vezes ainda que Aquilino, com o desassombro a que se habituara, se pavoneava pelas ruas da capital, esperava-o, pelas alturas do Largo de Camões alguem, que por signal dirige ha tempos um jornal vespertino.

E esperava-o, não precisamente por elle, visto que haviam cortado relações desde que de sua casa sahira, onde aliás se acoitava, mas pela senhora de que se fazia acompanhar e que nos seus devaneios amorosos o substituira por Aquilino, sempre galanteador e gentil.

O ciume e o despeito, a que se alliava a vaidade ferida, enfurecera o amigo de ha dias. D'ahi,—a espera a que se seguiu uma scena violenta derimida no portal do proprio hotel do Rocio onde Aquilino se alojara, scena que metteu revolver e seus correlativos.„

Que bandidos!

O amigo mette-o em casa. Elle seduz a mulher do amigo... e eis uma heroicidade, um titulo de honra que figura em biographia.

Não ha duvida. São todos a mesma coisa, todos bandidos.

Retractação

Pedem-nos a publicação do seguinte, em defesa d'um homem de bem, o sr. Padre Camillo José de Souza:

Pelo advogado do R. foi dicto: Que desde começos d'agosto até que a *A Voz Publica* suspendeu a sua publicação, esteve o seu constituinte, por enfermidade grave, afastado da sua direcção e nem directa nem indirectamente interveio nos assumptos de redacção e administração. Disse mais ter podido o mesmo seu constituinte apurar, já posteriormente á notificação judicial junta a este processo, que os informes publicados na *A Voz Publica* sobre os acontecimentos de Braga, por occasião da excursão republicana áquella cidade e com que o Revr.º Camillo José de Sousa se julga offendido e calumniado, foram dos enviados de lá, por pessoas alheias ao jornal, e que ao que se vê, abusaram da boa fé do redactor encarregado de tractar o assumpto, visto como não apresentaram provas fundamentando as accusações e affirmações n'esses informes contidos.

Declara finalmente que está hoje o seu dito constituinte convencido de que, realmente, esses informes foram falsos e calumniosos; por quanto, se representassem a expressão da verdade, os seus correligionarios de Braga não deixariam de cumprir o seu dever de cidadãos e a sua obrigação de republicanos, chamando aos tribunaes o auctor de tão graves delictos.

Desde que o não fizeram, logicamente infere que o Revr.º Camillo José de Sousa foi effectivamente diffamado e calumniado, tendo todo o direito ás desculpas que aqui lhe apresenta, como acto de justiça a que não sabe nem quer fugir. De resto compromette-se á pagar as custas afinal contadas no processo, e nenhuma duvida tem, sobretudo por dever de lealdade, em fazer expontaneamente a publicação da declaração que deixa exposta, tomando mesmo o compromisso de fazer tal puplicação no jornal *A Patria* dentro de dois ou trez dias por ser este jornal aquelle que succedeu á *A Voz Publica* onde foi inserida a noticia com a qual o Revr.º Camillo José de Sousa se julgou offendido, aggravado e calumniado.

Pelo advogado do A. foi dito:

Que acceita as satisfacções que acabam de ser dadas pelo reu e com as quaes julga que o seu constituinte fica desagravado, unico fim que tinha em vista, intentando a presente acção criminal; conforma-se tambem com o pagamento de custas e inserção da publicação no jornal *A Patria*, desistindo, portanto dos restantes pedidos do requerimento inicial.

VÁRIA

Anti-alcoolismo

Diminue na Baviera o consumo da cerveja. Já desceu a menos d'um litro por dia, para cada habitante. Effeito da propaganda anti-alcoolica.

Emancipação feminina.

Chegou á America a *generala* dos partidarios do voto ás mulheres na Inglaterra, Mistrers Penkburst.

E' feia como a breca, dizem os jornaes americanos. Os padres tambem não são, em regra, nenhuns Adonis, commenta um jornal francez, e nem por isso são impedidos de *prégar*.

Então que prégue a mistress Penkburst.

—†—

Ella tinha razão

Morreu ha pouco em França uma mulher, uma telegraphista, que se portou heroicamente durante a guerra franco-prussiana, prestando relevantes serviços ao exercito francez. O governo, em recompensa, deu-lhe a cruz da Legião de Honra. Vae d'ahi mademoiselle Juliette Dodu, assim se chamava ella, escrevendo a um jornalista n'essa occasião, dizia-lhe: "Está muito bem. Mas aqui para nós: se fosse o grande Napoleão chamava-me, felicitava-me pela minha bella conducta em tempo de guerra, dotava-me e casava-me com um dos brilhantes officiaes.„

Antes queria dote e casamento!

Tinha razão.

—†—

Lá e cá

Em França censura-se vivamente o director da prisão de San Lazaro porque elle falando da celebre criminosa Steinheil, que está sendo julgada, dizia: *madame Steinheil.*

Não se admitte que para o director d'uma prisão uma mulher criminosa seja: *madame.*

Pois se fosse em Portugal... os republicanos faziam-lhe a apotheose, como teem feito ao Leandro. Tendo ella dinheiro, como parece ter! Ou se houvesse assassinado o marido e a mãe em favor... *da grande idéa.*

Onde se vê que republicanos como os nossos não os ha... senão aqui

—†—

Eleições municipaes na Inglaterra

As eleições municipaes na Inglaterra foram desfavoraveis aos liberaes. Os conservadores obtiveram uma grande victoria. As mulheres tambem foram derrotadas. Como se sabe, as mulheres na Inglaterra são eleitoras e elegiveis nas eleições municipaes. Propozeram-se por muitos municipios. Pois a derrota foi geral. Em Londres, ainda assim, triumpharam 5. Mas n'uma lista de 56 candidatos. D'essas 5, pertencem duas ao partido conservador, duas ao partido liberal e 1 é socialista. Attribue-se a derrota geral das *suffragistas*, como ellas lá são conhecidas, aos disturbios em que ellas são emeritas. São desordeiras como a breca e os eleitores *cascaram-lhes.*

—†—

Cemiterio dos cães.

Em Paris ha um cemiterio dos cães. Ora o cemiterio dos cães foi muito visitado no dia de finados. Os parisiences, que teem um grande culto dos mortos, nem dos cães se esquecem.

Calcula-se em sete centos a oito centos as pessoas que deixaram no cemiterio provas da sua ternura pelos cães. Muitas sepulturas appareceram cobertas de flores.

Um jornalista francez commenta:

"Comprehendo o amor aos animaes. Mas flores em cães mortos não será excessivo, quando os cães vivos tem uma tamanha indifferença e ás vezes até um tão injurioso desprezo por toda a flora?„

E' verdade. Quando alçam a perna, por exemplo...

—†—

Intervenção ingleza na Grecia

Os nossos republicanos estão sempre a dizer que a Inglaterra respeita o direito dos outros povos a governarem-se como entendam e que não intervem nas suas revoluções ou conflictos. Conforme fôr a revolução e conforme ella se fizer, tem dicto muitas vezes o *Povo de Aveiro*, e é certo. O correspondente do jornal *La Dépêche* em Athenas escreve para este jornal:

"No dia immediato ao do movimento de 28 d'agosto falei-lhes na intervenção de Sir Eliot, ministro da Gran Bretanha, que offereceu ao rei a intervenção da esquadra ingleza ancorada em Phalero. A precisão dos detalhes que vos transmitti não deixou duvidas nenhumas sobre a minha informação. Pois Sir Eliot tornou a intervir, na manhã de 29 d'outubro ultimo, no momento em que a segunda devisão deixava Athenas para occupar as alturas que dominam Salamina.

N'uma conversação que durou uma hora, o ministro da Gran Bretanha tentou convencer o rei a acceitar o auxilio dos dois cruzadores couraçados que se acham ancorados em Phalero. Era no momento em que se suppunha que os couraçados da esquadra grega iam fazer causa commum com os torpedeiros. Agradecendo, o rei Jorge não acceitou, declarando mais uma vez que não podia acceitar a offerta que o ministro de Gran Bretanha lhe fazia. Se a revolta triumphasse, accrescentou, abdicaria immediatamente, pois que ficaria então provado que o movimento tinha um caracter anti-dymnastico. No emtanto, não queria dar o seu consentimento a uma acção directa d'uma esquadra extrangeira quando era certo que os interesses e a vida dos nacionaes d'essa potencia não corriam perigo algum.

Apesar d'isto, os dois cruzadores couraçados ancorados em Phalero ficaram de caldeiras accesas todo o dia 29 e noite seguinte, ao mesmo tempo que a esquadra do Mediterraneo recebia ordem para estar prompta a concentrar-se á primeira voz em Astacos, na costa greja.„

—†—

Morte curiosa

Um veterinario allemão acaba de se suicidar por não se querer bater em duello. Ora eis ahi como que não deixa duvidas nenhumas que se não se quiz bater não foi com medo... de morrer.

Não ha duvida!

O Povo de Aveiro

Vende-se

LISBOA—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça o Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Haveneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Narciso Rosa, rua do *Diario de Noticias*, 205; João Duarte, rua do Campo d'Ourique, 95, 97; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Kiosque da avenida superior da ponte de D. Luiz I; Tabacaria Alberto Ferreira, rua Alexandre Herculano, 256.

MATTOSINHOS—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100

COIMBRA — Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto.

ALCOBAÇA—Antonio Vazão.

GOUVEIA—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp

CABEÇÃO—Luiz Vieira da Silva.

PORTALEGRE—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.

VENDAS NOVAS—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino.*

SETUBAL—Manuel Tavares.

ARRONCHES—Miguel Maria.

ESPINHO—Kiosque Reis.

MOITA DO RIBATEJO—João Baptista Moura.

VIZEU—Kiosque do Rocio.

CHAVES—Annibal de Barros.

VILLA REAL—Agengia de Publicações de Antonio de Neute C. da Mesquita.

MANGUALDE—Bento d'Almeida Campos.

MONTE ESTORIL—Gare.

S. PEDRO DO SUL—José Augusto d'Almeida.

FÁRO—Francisco Matheus Fernandes.

EVORA—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.

CASCAES—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.

VILLA NOVA DE BARONEA—José Custodio Figueiredo.

CORTEGANA, Alemquer—João dos Santos Pereira.

REGUENGOS DE MONSARÁS—R Antonio João da Cunha.

PADERME—ALGARVE—Antonio Anacleto d'Oliveira,

TORRES NOVAS—João Rodrigues Sentieiro.

AMARELEJA—MOURA—Manuel Frade.

CASTELLO BRANCO—Vende-se pelas ruas.

MONTEMÓR O NOVO—Fortunato Reinato.

TONDELLA—Mario do Carmo.

PEDROGAM GRANDE—Adelino Lourenço. dos Santos.

IDANHA A NOVA—Christiano Pereira Barata.

GUIMARÃES—Antonio Araujo Salgado.

BRAGA—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24.

TABOA—Francisco da Costa Carvalho.

MONSÃO—João da Silva Guimarães.

FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Antonio Augusto Brito.

PINHEL—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres

VIANNA DO CASTELLO—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho.

LAMEGO—Joaquim Valente.

CASTELLO NOVO (Beira Baixa) João Pereira dos Santos

BRAZIL

RIO DE JANEIRO—Centro de Publicações de Geonlorenzo; Celttins, Travessa do Ouvidor.

MANAUS—Agencia Freitas.

BELEM DO PARÁ—Centro de Publicações.

LOTERIA
DA
Santa Casa da Misericordia de Lisboa
200:000$000 réis
Extracção a 23 de dezembro de 1909

Bilhetes a .... 80$000 réis
Vigesimos a .. 4$000 réis

A thesouraria da Santa Casa incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou vigesimos, logo que seja recebida a sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao thesoureiro, á ordem de quem devem vir os vales, ordens de pagamento ou outros valores de prompta cobrança.

A quem comprar 10 ou mais bilhetes inteiros desconta-se 3 p. c. de commissão.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 8 de novembro de 1909.

O thesoureiro,

L. A. de Avellar Telles.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.

Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.

SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA
— DE —
Albino Pinto de Miranda
LARGO DE MANUEL MARIA
AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS. A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

TRABALHOS COMMERCIAES

Typographia a vapor
DE
O POVO DE AVEIRO

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.º*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento

HOTEL CYSNE
Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria

AVEIRO

Proprietario-Gerente

ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais apraziveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

Hotel Cysne—AVEIRO